



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 21 – nº 82 – Março 2011

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br)

## Religião: fator de integração dos migrantes?

<b>ITALIANO</b> .....	<b>3</b>
Integrazione vuol dire assimilazione? .....	3
L'impossibile integrazione dell'Islam secondo il Beato Charles de Foucauld - La testimonianza insospettabile di chi ha consacrato la sua vita al dialogo con i musulmani .....	4
Islam ed integrazione: la constatazione del fallimento franco-tedesco .....	5
Cristo tra i diavoli del Cairo .....	6
I valori della persona nel simbolo del crocifisso .....	7
Il cardinale rifà la legge .....	9
 <b>PORTUGUÊS</b> .....	 <b>9</b>
Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural propõe formação inter-religiosa....	9
Pluralismo religioso na prisão.....	10
Merkel: Mesquitas passarão a fazer parte da vida dos alemães .....	11
Igrejas cristãs encontram dificuldades para integrar ex-muçulmanos.....	12
Itália prende marroquinos por incitar ódio ao papa Bento 16 .....	14
Diálogo inter-religioso e ecumenismo, base para lidar com migrações .....	14
Populistas de direita atacam temor contra muçulmanos na Europa .....	15
 <b>ENGLISH</b> .....	 <b>16</b>
Vatican welcomes European court decision on classroom crucifixes and School crucifixes 'do not breach human rights'.....	16
Faiths must speak to each other .....	17
Europe's Muslim population expected to rise by a third by 2030 .....	18
European Muslims can do better, says leading Islamic scholar .....	19
French Muslims break stereotype and show up integration skeptics.....	20
Survey shows Germans negative about Muslims and Jews.....	21
Immigration reform: The view from the faith side.....	21
 <b>ESPAÑOL</b> .....	 <b>22</b>
"Donde no hay diálogo entre culturas, puede haber choque de civilizaciones" .....	22
Israel deportará niños inmigrantes para "garantizar el carácter judío del estado" .....	24
Causas y soluciones del conflicto entre musulmanes y cristianos en Nigeria .....	25
EE.UU.: la "islamofobia" y el efecto retardado del 11-S.....	27
La demonización de los musulmanes.....	29
Seis de cada diez alumnos inmigrantes evita hablar de su religión en clase .....	30
Musulmanes en Europa: un auténtico dilema.....	31

## EDITORIAL

Nos últimos meses, a questão religiosa voltou a ser tema de amplos debates em vários países do mundo. Nos EUA, em 2010, a construção de um Centro Islâmico e de uma mesquita nas proximidades de onde surgiam as torres do World Trade Center tem provocado a indignação de parte da população norte-americana, desafiando a suposta tolerância religiosa do país. No mesmo período, um pastor da Flórida anunciou a criação do “Dia Internacional do Queime um Alcorão”, visando incendiar publicamente 200 cópias do texto sagrado islâmico, em ocasião do nono aniversário dos atentados de Nova Iorque.

Na União Europeia, em março de 2011, a Corte Europeia de Direitos Humanos decidiu, com sentença inapelável, que a presença de símbolos religiosos nas escolas públicas não viola o direito de educação das crianças. A polêmica surgiu quando a cidadã italiana Solie Lautsi apresentou uma queixa ante a CEDH contra a presença de crucifixos nas aulas das escolas públicas por contrariar o princípio da laicidade do Estado. De forma análoga, nos anos anteriores, na França, o assim chamado *Affaire du Foulard* desencadeou um forte debate sobre a utilização do véu islâmico em escolas públicas. Conforme Vincent Berger, da CEDH, haverá cada vez mais contenciosos sobre questões religiosas, sobretudo por causa da imigração, do pluralismo religioso e das reivindicações identitárias de nativos e imigrantes.

Esses acontecimentos revelam, em primeiro lugar, a impossibilidade de se compreender corretamente as dinâmicas das sociedades contemporâneas sem levar em conta as religiões e a religiosidade de indivíduos e povos. Contrariando a teoria da secularização, que vaticinava o fim ou a privatização do sagrado, as tradições religiosas continuam influenciando amplos segmentos da população mundial e, em muitos casos, assumem uma presença ativa na esfera pública da sociedade.

Em segundo lugar, os eventos supracitados atestam a presença de sérias dificuldades na convivência entre diferentes tradições religiosas. O pluralismo religioso não constitui uma novidade, mas a intensa imigração das últimas décadas tem provocado a difusão, nas palavras de Enzo Pace, de “estranhos exigentes”, ou seja, de tradições religiosas que, além de serem diferentes, exigem legítimos espaços de cidadania e reivindicam direitos análogos àqueles das religiões tradicionais dos nativos. Isso gera sérios problemas sobretudo nos países em que há uma religião de Estado ou, então, naqueles em que, por razões históricas e culturais, determinadas denominações, de fato, assumem um papel hegemônico, inclusive na relação com o poder público.

Para complicar ainda mais o quadro, esse contencioso religioso, na Europa, parece estar despertando lembranças sombrias de épocas em que os conflitos entre diferentes denominações provocaram o derramamento de muito sangue no continente. É nessa perspectiva que os segmentos laicos da sociedade exigem a subordinação dos interesses religiosos ao respeito intransigente das leis do Estado de direito enquanto “domador da violência de natureza religiosa” (Ulrich Beck). E se nos anos anteriores o alvo era sobretudo o Islã, considerado, por alguns, inconciliável com a modernidade ocidental – veja-se o supracitado *Affaire du Foulard* – na atualidade a questão envolve também o cristianismo ou, mais em geral, a relação entre religião(ões) e Estado.

Finalmente, o espectro do terrorismo de matriz islâmica, evocado pelos atentados de 11 de setembro, parece gerar uma nova questão religiosa inclusive nos EUA, país frequentemente apontado como símbolo de tolerância religiosa.

Resultado dessa conjuntura é o crescimento da desconfiança em relação à alteridade religiosa dos migrantes por parte de uma aliança espúria e transversal composta por segmentos sociais preocupados com a defesa da identidade nacional, com a preservação da laicidade do Estado, com a luta contra o espectro do terrorismo ou com a manutenção da hegemonia da própria denominação religiosa.

Para todos esses grupos sociais a alteridade religiosa do migrante é mais um empecilho do que um recurso para sua integração na terra de chegada. A incorporação na nova sociedade – seja ela a União Europeia, os EUA ou qualquer outro país – deveria implicar, necessariamente, o abandono ou a privatização das crenças estranhas ao mundo ocidental. As recentes declarações de Gordon Brown e de Angela Merkel sobre o fracasso do multiculturalismo parecem caminhar nesta direção.

Mas é evidente, que essa solução não deixa de criar problemas: como exigir aos imigrantes o respeito das regras do Estado de direito e, ao mesmo tempo, limitar sua liberdade religiosa e de expressão? Como justificar o diferente tratamento riservado às várias religiões num Estado supostamente laico? É justo reduzir o cristianismo a algo meramente “cultural” a fim de preservar seus privilégios? O que determina que um símbolo seja religioso ou não (uma imagem de Francisco de Assis é símbolo religioso?)?

Muitos estudos, nos últimos anos, evidenciaram o potencial integrativo das religiões. Nos EUA, Will Herberg, ainda nos anos 50 do século passado, sustentava que os imigrantes se tornam americanos através de suas religiões. Na Europa, pesquisas recentes mostram, embora com ambiguidades, o potencial integrativo que possuem as tradições religiosas. Numa época dominada por relações líquidas (Zygmunt Bauman) e supostos choques entre civilizações (Samuel Huntington), em que o próximo morreu (Luigi Zoja) ou se tornou vida matável (Giorgio Agamben), vale a pena renunciar ao potencial de coesão das religiões em nome do laicismo – não laicidade – e da preservação dos privilégios históricos de algumas denominações?

## ITALIANO

### **Integrazione vuol dire assimilazione?**

*di Deborah Callegari Hasanagic*

Mi sento spesso dire che i musulmani devono integrarsi, comportarsi come ci si comporta in Italia perchè si vive qua e quindi bisogna adattarsi alle leggi e alle regole e mettiamoci pure anche le tradizioni religiose...

Un piccolo dettaglio, tra i musulmani ci sono anche quelli convertiti come me che sono nati e cresciuti qui in Italia, e che da adattarsi c'è ben poco... Ora detto questo, mi capita nelle mie interviste per via del mio libro, che mi venga spesso chiesto se ci può essere “integrazione” per i musulmani in Italia, e partendo proprio da questo concetto complesso la domanda nasce spontanea come direbbe qualcuno... “COSA SI INTENDE PER INTEGRAZIONE?”

Beh cari miei sapete purtroppo qual è la risposta? Facendo una piccola indagine per un giornale bosniaco, ho scoperto (devo dire che però già lo sapevo e ne avevo le conferme, anche se facevo finta che non fosse così), ho scoperto che per molta gente l' integrazione è riferita o associata in particolare ai musulmani, viene intesa la maggior parte delle volte per ASSIMILAZIONE! Della serie No comment! Perchè? Perché ci sono delle persone, e con mio immenso dispiacere musulmane, che fanno vedere che per essere accettati in questo Paese, cioè l' Italia, bisogna a tutti i costi comportarsi come loro, ed aggiungerei anche a volte molto peggio, e quindi ecco il “piccolo vademecum del musulmano secondo l'integrazione o meglio l' assimilazione italiana”:

1. predicare bene e razzolare male (gli italiani in questo sono molto bravi, ma è un altro tema di tipo politico che non mi compete in questo momento)

cioè a casa essere islamici al 100%, ma appena esci ed incontri le altre persone cominci a comportarti peggio di loro, bevendo alcolici, mangiando Haram (per noi musulmani haram sarebbe tipo la carne di maiale e tutti i derivati), e pur di mantenere le amicizie fare in tutto e per tutto quello che fanno loro, altrimenti guai...

2. Se pur di ottenere un lavoro ti devi togliere il velo si fa tranquillamente senza problemi anzi così le altre colleghe ti considerano di più, quindi non serve diventare matte per dimostrare che sai lavorare basta togliere il velo e magicamente diventi la più brava lavoratrice del mondo, perchè altrimenti non si accorgono che hai delle capacità anche con il velo!

3. Senza dubbio se i tuoi figli frequentano la scuola a maggioranza cattolica, automaticamente, allora anche tu devi per forza festeggiare il Natale e fare i regali a tutti e raccontare ai tuoi figli la favoletta di Babbo Natale che però se a casa non hai il camino, da dove cavolo arriva Babbo Natale? E poi se il fuoco del camino è pure acceso che fine fa Babbo Natale? Queste domande le ho sentite fare da un bambino a sua madre..

4. Non importa se nel tuo cuore, tu sei islamico e sai che così facendo non ti comporti come Allah swt vorrebbe, tanto i tuoi nuovi amici ti insegneranno anche a non avere i sensi di colpa perchè ti comporti così e ti insegneranno anche che nella vita bisogna essere incoerenti perchè così arrivi molto lontano, perchè alla fine è di questo che si tratta di incoerenza ed ipocrisia...

5. E poi ti insegneranno pure ad essere ignorante così tutto quello che tu sai sull' Islam e sulla tua

religione loro ti diranno che lo devi adattare ai tempi moderni e non serve sapere tante cose basta solo integrarsi al pari di loro e quindi comportarsi come loro ed il Corano e gli insegnamenti di Allah swt li puoi mettere nel cassetto

6. Se dentro di te si risvegliano i sentimenti islamici che fino a quel momento hai dimenticato per essere loro amico, e quindi quando vedi tua figlia che si mette la minigonna, che fuma, che beve, e che vuole fare la modella o la velina, e in te si risvegliano questi sentimenti islamici profondi e quindi picchi tua figlia perchè si comporta così (notare che se tu prima ti sei comportato così e hai lasciato ed insegnato ai tuoi figli lo stesso, e per questo una mattina ti svegli e la uccidi (vedi la povera Hina) allora non sei più integrato come lo eri il giorno prima ma sei un integralista e fondamentalista.

Quindi morale della favola cari fratelli e sorelle musulmani, e amici non musulmani, se volete

integrarvi dovete assimilarvi, ed imparare l'incoerenza che vi porterà lontano....

Poveri i nostri figli, in Italia dove la Ummah (cioè la comunità islamica) non è per niente unita e nessuno fa nulla, e se c'è qualcuno che vuole fare qualcosa viene bloccato dagli stessi musulmani, c'è solo da vergognarsi, purtroppo per noi perchè alla fine come dice un hadits del nostro Profeta swt: "lo non ho paura che voi commetterete Sirk (associare a Dio il compagno) dopo la mia morte, ma ho paura dei fedeli musulmani che praticano e pensano solo a riempirsi la pancia". Con questo voglio dire che ahimè ci sono purtroppo musulmani che guardano solo il proprio interesse e non il bene della Comunità Islamica Italiana e se fai qualcosa per cercare di migliorare la situazione, sono loro i primi che ti ostacolano e te lo impediscono, parlo per esperienza personale.

Fonte: <http://islamvero.splinder.com/post/23227045/integrazione-vuol-dire-assimilazione> - 31.08.10

## **L'impossibile integrazione dell'Islam secondo il Beato Charles de Foucauld - La testimonianza insospettabile di chi ha consacrato la sua vita al dialogo con i musulmani**

*Di Massimo Introvigne*

Il Beato Charles de Foucauld (1858-1916) si è consacrato a lungo – prima di essere ucciso a Tamanrasset, in Algeria, nel 1916 – a testimoniare la fede cattolica presso i musulmani con la comprensione, l'amicizia e la testimonianza. Nessuno lo ha mai accusato di "islamofobia"preconcetta. La sua opinione sulla possibilità che un musulmano, rimanendo musulmano, possa diventare "veramente francese"(o tedesco, o europeo) è dunque insieme autorevole, perché deriva da una lunga esperienza dell'islam, e insospettabile. Trascrivo la parte centrale di una lettera inviata da Tamanrasset al suo futuro biografo René Bazin (1853-1932) il 29 luglio 1916, pubblicata in Bulletin du Bureau catholique de presse, n. 5, ottobre 1917 e riprodotta in numerose opere biografiche sul Beato. Certamente nelle opere del Beato si trovano alte espressioni di amicizia e di stima nei confronti di musulmani, apprezzamenti per espressioni specifiche della...

...cultura islamica ed esortazioni alla pazienza e alla carità nei loro confronti. Esse - a scampo di equivoci - sono del tutto in linea con il Magistero della Chiesa e assolutamente condivisibili, ma non sono affatto in contraddizione con questo lucido giudizio, il quale tratta della diversa questione della possibilità di una vera e piena integrazione di un musulmano che rimanga musulmano nella cultura europea. È chiaro che si tratta qui della questione

culturale dell'integrazione, a sua volta diversa dalla gestione politica di un "islam francese"(o italiano) cui le autorità pubbliche oggi sono comunque chiamate a fronte della presenza in Europa di un gran numero di musulmani. Questo testo è in qualche modo "l'ultima parola"del Beato sulla delicata questione dell'integrazione, essendo stato scritto sei mesi prima del suo martirio.

Nella corrispondenza con Bazin egli considera sbagliata "ogni politica che non miri a convertire i musulmani"alla vera fede cattolica, e ritiene che solo questa conversione possa trasformare "veramente"un musulmano in francese.

È anche interessante notare che nella stessa corrispondenza il Beato spiega che il passaggio dei musulmani al laicismo e al libero pensiero, "quello della Turchia", non è una soluzione: ne nascerà "una élite che avrà perso ogni fede islamica ma che ne manterrà la prassi per potere attraverso questa influenzare le masse"; alla fine questa élite post-musulmana "si servirà dell'islam come di una leva per sollevare la massa"e attaccare l'Occidente. Far diventare i musulmani laicisti – la "soluzione turca"– dunque secondo il Beato non serve. Occorre senza reticenze proporre loro la conversione al cattolicesimo.

Ecco dunque la parte centrale della lettera del 29 luglio 1916:

*"I musulmani possono diventare veramente francesi? In via eccezionale, sì; ma in maniera*

generale, no. Molti dogmi fondamentali della religione islamica vi si oppongono. Con alcuni di questi vi possono essere degli accomodamenti; ma con uno, quello del mahdì, non c'è spazio di mediazione.

Ogni musulmano (non parlo dei liberi pensatori nati musulmani e che hanno perso la fede) crede che, all'arrivo del giudizio finale, arriverà il mahdì che dichiarerà la guerra santa e stabilirà l'islam su tutta la Terra, dopo aver sterminato o sottomesso tutti i non musulmani. All'interno di questa visione di fede, il musulmano considera l'islam come la sua vera patria e ritiene che i popoli non musulmani siano destinati, presto o tardi, ad essere sottomessi da lui, o al massimo dai suoi discendenti.

Se è governato da una nazione non musulmana, egli considera questa situazione come una prova passeggera; la sua fede lo rassicura che ne uscirà e trionferà su coloro che al momento lo tengono sottomesso. La saggezza lo incita a subire questa sua prova con calma: "l'uccello preso in trappola che si dibatte perde le piume e si spezza le ali; ma se rimane tranquillo si ritroverà integro nel giorno della sua liberazione", dicono. Per questo, i fedeli islamici possono preferire una nazione a un'altra,

possono preferire la sottomissione ai francesi piuttosto che ai tedeschi, perché sanno che i primi sono più accondiscendenti; possono essere affezionati a questo o a quel francese, come si è affezionati a un amico straniero; si possono battere con grande coraggio per la Francia, con sentimento d'onore e carattere guerriero, con spirito di corpo e fedeltà di parola, come i soldati di ventura del XVI e XVII secolo.

Ma, in un senso più generale e salvo eccezioni individuali, finché sono musulmani, essi non saranno francesi, perché attenderanno, più o meno pazientemente, il giorno del mahdì, quando sottometteranno la Francia.

Da questo deriva il fatto che i nostri algerini musulmani sono così poco interessati a domandare la nazionalità francese: perché chiedere di far parte di un popolo straniero che, essi lo sanno, in futuro verrà irrimediabilmente sconfitto e sottomesso da quella stessa nazione alla quale loro stessi oggi appartengono?" [Fonte Censur]

Fonte: <http://www.pontifex.roma.it/index.php/opinioni/laici/5519-impossibile-integrazione-dellislam-secondo-il-beato-charles-de-foucauld-la-testimonianza-insospettabile-di-chi-ha-consacrato-la-sua-vita-al-dialogo-con-i-musulmani> - 27.08.10

## Islam ed integrazione: la constatazione del fallimento franco-tedesco

di Stéphanie Le Bars, in "Le Monde"

Generalizzazione del discorso sui pericoli dell'"islamizzazione" sostenuto da una parte delle destre europee? Effetti delle analisi dei dirigenti francesi e tedeschi sul fallimento dell'integrazione delle popolazioni immigrate? Risultato finale del dibattito sull'identità nazionale? Effettivo aumento delle rivendicazioni religiose? Tutto, o parte, di questo cocktail sembra aver convinto una parte dell'opinione pubblica francese e tedesca della difficoltà di integrazione dell'islam e dei musulmani nella società occidentale. Questo giudizio appare chiaramente in un sondaggio dell'IFOP realizzato dal 3 al 9 dicembre 2010 nei due paesi e pubblicato in esclusiva da Le Monde. Mentre il 42% dei francesi e il 40% dei tedeschi considerano la presenza di una comunità musulmana come "una minaccia" per l'identità del loro paese, il 68% e il 75% ritengono che i musulmani non siano "ben integrati nella società".

Al di là della constatazione, portata avanti recentemente dai discorsi dei responsabili politici, le ragioni addotte per spiegare questo fallimento vanno oltre le spiegazioni socio-economiche generalmente ammesse, mostrando una cristallizzazione sulle differenze culturali e confessionali. Ad esempio, il 61% dei francesi (il 67% dei tedeschi) ritiene che i musulmani non

siano integrati ponendo al primo posto delle motivazioni il "loro rifiuto" ad integrarsi, successivamente "le differenze culturali troppo forti" (il 40% per la Francia, il 34% per la Germania), prima del fenomeno di ghetto (37% - 32%) o le difficoltà economiche (20% - 10%).

Il "razzismo e la mancanza di apertura di certi francesi – o tedeschi" sono adottati dal 18% dei primi e dal 15% dei secondi. "Malgrado una storia coloniale diversa, un'immigrazione diversa e modi di integrazioni diversi, colpisce rilevare che la constatazione, dura e massiccia, sia la stessa nei due paesi, sottolinea Jérôme Fourquet dell'IFOP. Inoltre, si passa dal rapporto tra immigrazione e sicurezza o immigrazione e disoccupazione, al rapporto tra islam e minaccia identitaria."

La presenza stabile dell'islam nei paesi europei e la sua accresciuta visibilità vanno di pari passo con un irrigidimento dell'opinione pubblica, anche se si vedono differenze tra giovani e persone anziane e tra elettori di destra e di sinistra. Globalmente, nel 2010, il 31% dei francesi associa in primo luogo l'islam al "rifiuto dei valori occidentali", mentre era solo il 12% a farlo nel 1994 e il 17% nel 2001. Nel passato, "fanatismo" e "sottomissione" erano le parole più massicciamente associate all'islam.

La questione del velo islamico mostra l'importanza assunta dalla visibilità dell'islam nel dibattito pubblico. Oggi, il 59% dei francesi si oppone all'uso del velo per strada da parte delle musulmane e solo il 32% si dichiara "indifferente": un numero in forte diminuzione rispetto agli ultimi vent'anni, nel corso dei quali il 55% delle persone interrogate mostravano la loro indifferenza al problema. Le posizioni rispetto all'edificazione di moschee conoscono da una decina d'anni un'evoluzione simile: il 39% dei francesi dice di essere contrario nel 2010, contro il 22% nel 2001. Ma, soprattutto, mentre quasi un francese su due era "indifferente" (46%) a questo problema nel 2001, oggi lo è solo il 34%. Meno caratterizzati dalla laicità e dalla neutralità religiosa nello spazio pubblico, i tedeschi si mostrano più indifferenti all'uso del velo islamico per strada (45%). Ugualmente, il 44% di loro non è ostile a partiti politici o a sindacati che facciano riferimento all'islam, contro il 14% dei francesi. Le proporzioni sono invece simili di fronte all'eventualità di eleggere "un sindaco di origine musulmana": il 52% dei francesi e il 49% dei tedeschi "non è ostile", un numero in progressione costante da vent'anni in Francia.

Le evoluzioni dell'opinione pubblica, secondo l'antropologa Dounia Bouzar, un legame logico con i discorsi politici attuali. "I responsabili politici, sia a destra che a sinistra, convalidano la definizione dell'islam sostenuta dai radicali di qualsiasi tendenza; e il culmine è stato raggiunto con la legge sul velo integrale", spiega la ricercatrice che ha analizzato i discorsi politici nel corso degli ultimi anni.

## Cristo tra i diavoli del Cairo

*di Monika Bulaj*

In Egitto, se vuoi liberarti dal male, è dai cristiani che devi andare. I musulmani lo sanno. Il popolo cerca la Croce, Maria Vergine, San Giorgio e soprattutto i santoni della chiesa copta. È questa promiscuità millenaria, sconosciuta all'Occidente e alla Chiesa di Roma, che gli attentatori di Alessandria hanno voluto colpire. Per arrivare ai santuari cristiani il popolo d'Egitto sfida i suoi tabù, entra nel luogo più contaminato del Cairo, Muqattam, quartiere cristiano dove si ruminano i rifiuti della metropoli, un Acheronte dalle rive putrefatte che si spande fin sul Nilo come il respiro di un dormiente. Lì dentro, i cristiani d'Egitto selezionano avanzi delle cucine cairote, sacchi di plastica, bucce di melone contese da ratti, capre e bambini.

"Fino ad allora, l'islam vi era presentato come una differenza, è diventato una barriera all'adesione ai valori della Repubblica. Mentre, contemporaneamente, le richieste di associazioni musulmane sul modo di rispettare la laicità o di lottare contro i radicali si moltiplicano", assicura Dounia Bouzar, che ha creato lo studio Cultes et Cultures Consulting.

Per Mohammed Moussaoui, presidente del Consiglio francese del culto musulmano (CFCM), la percezione attuale dell'islam da parte dell'opinione pubblica è "reversibile". "Attraversiamo un periodo difficile legato alla nuova visibilità dell'islam, riconosce. Ma l'irrigidimento è dovuto in particolare ai gruppi rigoristi che creano una sensazione di paura." Preferisce mettere in rilievo "la normalizzazione" delle relazioni tra i responsabili musulmani e i poteri pubblici o i rappresentanti delle altre confessioni.

Nel contesto attuale, mette tuttavia in guardia i musulmani contro tutto ciò che può "ravvivare le tensioni, che si tratti di richieste di carne halal nelle mense, di tempo per la preghiera o di sale di preghiera sui luoghi di lavoro, di luoghi di culto imponenti o che possono essere ritenuti pomposi". "Non si tratta di mettersi in secondo piano, avverte, ma di tener conto del contesto." I suoi appelli ad organizzare più servizi il venerdì nelle moschee più frequentate per evitare "le preghiere in strada", finora sono rimasti lettera morta. Queste pratiche marginali sono state abbondantemente denunciate dal Front National.

Fonte:

<http://www.finesettimana.org/pmwiki/uploads/Stampa201101/110104lebars.pdf> - 04.01.11

Qui, sotto una gigantesca roccia, opera il più grande esorcista del Cairo. Il suo nome è Abuna Semaan. In mezzo a un semicerchio di coristi che innalzano inni, lui caccia i diavoli, ridà la fertilità alle donne sterili e fa camminare i paralitici. Grida, spruzza acqua sul viso degli indemoniati che lanciano urla disumane, vanno in convulsione, svengono. Poi li copre con un velo, posa su di loro una croce d'avorio e sussurra segrete formule; e tutto avviene su un palco, davanti a centinaia di persone, amplificato da altoparlanti. Per battere i diavoli l'Egitto cerca i cristiani, e la domanda è tale che il Papa dei copti, la Chiesa di San Marco, il barbuto Shenouda Terzo, ha scritto un manuale di lotta ai demoni a uso dei monaci. Muqattam è un inferno che solo di notte finge di essere città vera, con luci di botteghe, ancheggiare di donne su

tacchi a spillo tra sterco di asini e pipì di bambini. Gli unici maiali del Cairo razzolano qua, e con loro i macellai che li squartano, accanto ai manifesti della Sacra Famiglia. Nel ghetto dei copti i simboli della fede si ostentano senza paura.

Enormi crocefissi scolpiti, tatuaggi sui polsi. Qui la spazzatura diventa alchimia, trasfigurazione, ricchezza e divisione di classe. I più poveri selezionano il marciume, i meno poveri separano bottiglie o pezzi di plastica da trasformare in combustibile, i più facoltosi vendono carta, metalli, mobili e tessuti. Ma Maria Vergine abita anche fuori, nel labirinto della città vecchia, sul retro dell'università Al Azhar, in un passaggio di asini e cammelli, tra i vicoli dove un astioso imam tuona sulle schiene di centinaia di uomini. Anche qui, governa l'odore: il monastero a Lei dedicato lo trovo seguendo una vena di profumo d'incenso, inatteso nel fumo dei kebab e la puzza di urina. Mi prende con un incantesimo di resina e foreste, mi conduce per mano sul retro di un altissimo muro senza finestre, né croci né scritte. Trovo una porticina che dà su una buia scala piena di fumo, che scende, tra rigagnoli di sorgente, fino alle catacombe dei cristiani. Scendo ancora, entro in un'altra tempesta acustica, estranea all'urlo onnipresente dei muezzin in superficie. Prima i ventilatori che tagliano i raggi di luce come scimitarre; poi i novizi che cantano inni come marce militari; poi la preghiera di centinaia di fedeli in un labirinto di cunicoli. Intorno, decine di schermi moltiplicano immagini di devozione, gli stessi dove, un anno fa, a Pasqua, ho visto, ripetuta all'infinito, l'immagine di un gigantesco martello che batteva il cuore di Gesù, fino a fargli sprizzare sangue in un'aureola di fulmini.

La più grande metropoli africana, con le sue migliaia di minareti, è cresciuta attorno a nuclei cristiani come questo, aggrappati a una fede che non si arrende, militante e miracolistica. È il mondo dei copti, antico di secoli più dell'Islam. Un popolo di otto milioni di anime oggi di nuovo sotto assedio. Il confronto non potrebbe essere più diretto che qui, nel quartiere musulmano attorno all'università di Al Azhar, tra i più duri del Cairo, ostile anche ai fedeli più illuminati dell'Islam, come i Sufi e le loro confraternite di canto e danza.

I monaci d'Egitto si alzano alle tre, quando si svuotano i battelli dei night club sul Nilo, si tirano sulle teste cappucci neri con dodici stelle, si salutano tra loro sfiorandosi le mani che poi alzano alla fronte in segno di rispetto. Per sopravvivere ai secoli duri dell'Islam conquistatore, si sono nascosti nelle catacombe e negli eremi del deserto, poi sono riemersi all'inizio del Diciannovesimo secolo portandosi dietro sapienze antichissime come la botanica. Alcuni di loro vagano nel deserto, per esercitare la Siah, che vuol dire ubiquità ed è un momento della strada all'ascesi.

Ed ecco il monastero del Patriarca Bula, forse il più antico dell'umanità, poco lontano dalle rive del Mar Rosso. Lì dentro i monaci vivono nel terrore di un assalto di estremisti islamici, eppure accolgono pellegrini musulmani che si mettono in coda per farsi miracolare dal vecchio Abuna Fanaus; colui che da solo - negli anni bui - difese questo luogo sacro. E poi la chiesa di San Giorgio al Cairo, con le sue catene taumaturgiche al cui tocco guariscono i malati di ogni fede. È questa simbiosi antica che Al Qaeda ha voluto colpire.

Fonte: [www.repubblica.it](http://www.repubblica.it) - 09.01.11

## I valori della persona nel simbolo del crocifisso

*Di Bruno Forte*

Non è la vittoria di una parte, è la vittoria di tutti. La sentenza della Corte europea dei diritti dell'uomo sull'esposizione obbligatoria del crocifisso nelle aule delle scuole pubbliche italiane non solo dà voce a un vasto sentire dei nostri popoli, ma ribadisce anche il principio fondamentale, decisivo per tutti, che la cultura dei diritti dell'uomo non debba mai essere pensata in contrapposizione ai fondamenti religiosi della civiltà, in particolare di una civiltà come quella europea, a cui il cristianesimo ha dato un contributo essenziale.

Si riconosce in questa decisione l'esercizio di una laicità autentica, che vede nel ruolo pubblico delle religioni un diritto inalienabile da rispettare,

analogamente a come va rispettata la libertà religiosa dei singoli.

La sentenza riafferma poi il principio di sussidiarietà, più che mai necessario per evitare conflitti altrimenti laceranti fra globalità e identità locali: ogni paese della grande "casa europea" deve godere di un margine di discrezionalità riguardo al valore da attribuire ai simboli legati alla propria storia e alla propria identità nazionale, restando di conseguenza libero di decidere circa il luogo della loro esposizione.

Questo vale in particolare per i simboli religiosi: se così non fosse, in nome della libertà religiosa si verrebbe a limitare e persino a negare questa

libertà, ignorando le specifiche e legittime identità storico-culturali, che - se adeguatamente valorizzate - diventano esse stesse garanzia dell'insieme, chiamato necessariamente a superarle.

L'esposizione del Crocifisso non è insomma indottrinamento o violazione dell'altrui libertà, ma espressione dell'identità culturale e religiosa dei paesi di tradizione cristiana, che in maniera così rilevante hanno contribuito alla nascita dell'Unione Europea, proprio in quanto ispirati dai valori che quella tradizione ci ha trasmessi, come dimostrano De Gasperi, Adenauer, Schuman, cristiani convinti e padri dell'Europa unita!

Il primo e fondamentale fra questi valori, rappresentato precisamente dal crocifisso, è quello della persona umana: che l'essere umano fosse un caso dell'universale, da trattare come numero all'interno di una pluralità da anteporgli comunque sul piano valoriale, è stata a lungo convinzione diffusa nelle diverse civiltà che si sono susseguite nella storia. Che il soggetto umano libero e consapevole sia valore inalienabile, degno di assoluto rispetto, a prescindere dalle condizioni contingenti del suo grado di cultura, di ricchezza o di possibilità, questo l'ha testimoniato e trasmesso al mondo il messaggio cristiano, in particolare a partire dalla straordinaria presa di coscienza collettiva rappresentata dai dibattiti cristologici e trinitari susseguitisi fra il IV e il V secolo della nostra era: grazie ad essi viene definito il concetto di "persona", che riconosce in ogni soggetto umano un'irripetibile singolarità, da rispettare nei suoi diritti di coscienza e di libertà, e da promuovere nel contesto della comunità delle persone e della solidarietà verso i più deboli.

Tutto questo fu chiarito riflettendo sul crocifisso: se dall'albero della croce pende il Figlio di Dio fatto uomo, resosi in tutto partecipe della condizione umana, eccetto che nel peccato, ogni nato da donna ne viene illuminato nel valore infinito del suo essere singolare, per quanto provata e crocifissa possa essere la sua condizione storica. Non si tratta, com'è evidente, di riflessioni astratte o lontane dalla nostra immediatezza, come vorrei mostrare ricorrendo a tre esempi, che ribadiscono quanto prezioso e importante per tutti sia il messaggio che viene dal crocifisso, in particolare in quanto esposto in luoghi propri della vita pubblica. Penso, anzitutto, agli attuali rumori di possibili, pesanti e certamente dolorosi interventi bellici: chi non si è indignato di fronte alla violazione dei diritti umani e allo sprezzo della vita degli stessi propri connazionali mostrato dal dittatore imprevedibile di un paese a noi così vicino? Chi non sente lo

spessore drammatico di decisioni che potranno comportare il rischio e la perdita di altre vite umane, sia pur se in nome della difesa dei diritti calpestati dei più deboli?

Il ripudio della guerra come mezzo di soluzione dei conflitti, recepito anche dalla nostra Carta costituzionale, si radica nel patrimonio valoriale che la meditazione sul crocifisso ha offerto alla storia, valorizzando l'essere personale e la solidarietà fra gli umani.

Penso, poi, alla tanto dibattuta questione del federalismo: autentico arricchimento al servizio del bene comune, se pensato a partire dal rispetto delle identità locali e del loro patrimonio spirituale e culturale, pericolosa iattura, se dovesse favorire l'egoismo dei più forti a danno delle aree più deboli e bisognose del paese. Che cos'è un "federalismo solidale" se non l'applicazione dei valori trasmessi dal crocifisso in vista dell'equa coniugazione di globalità e località nella vita della nazione e nella distribuzione delle sue risorse?

Penso, infine, all'acceso dibattito sulle dichiarazioni anticipate di trattamento: è la dignità infinita dell'essere personale - anche in stato vegetativo - a imporre il duplice no all'eutanasia e all'accanimento terapeutico. È questa stessa dignità che esige il rispetto di volontà espresse senza ambiguità dalla persona, compatibili con quanto scienza e coscienza impongano ai medici curanti e a chi sia legato affettivamente all'infermo. Il crocifisso che grida "ho sete", poi, fa seriamente pensare al necessario sostegno vitale rappresentato dall'idratazione e dall'alimentazione. Guardare al crocifisso senza pregiudizi potrà aiutare a trovare vie legislative che da una parte rispettino la dignità personale e dall'altra impediscano arbitrii giudiziari.

Una ricerca non facile, certo: da duemila anni, tuttavia, quel crocifisso ci invita a non scegliere scorciatoie compromissorie, al fine di maturare scelte a caro prezzo in nome dell'amore più grande, nella ricerca disinteressata e responsabile del bene comune. Senza quel crocifisso esposto nelle tante "agorà" della vita e della storia saremmo, insomma, certamente peggiori di come siamo. Riconoscerne il messaggio e viverlo insieme, da credenti e non credenti, non potrà che renderci tutti migliori, eredi di quel patrimonio culturale e spirituale cristiano da cui veniamo, di cui la celebrazione dei centocinquanta anni dell'unità nazionale sembra averci opportunamente resi più consapevoli e fieri.

Fonte: <http://www.ilsole24ore.com/art/notizie/2011-03-20/valori-persona-simbolo-crocifisso-081003.shtml?uuid=AajB21HD&p=2> - 20.03.11



## Il cardinale rifà la legge

di Philippe Clanché

Il cardinale Peter Erdö, arcivescovo di Esztergom-Budapest, occupa un posto di grande responsabilità nel Vecchio Continente. Presiede il CCEE (Consiglio delle Conferenze episcopali europee), organismo che federa gli episcopati di 33 stati europei.

I recenti dissensi europei nella reazione agli attacchi anticristiani in Iraq e in Egitto hanno, nuovamente, mostrato che i problemi riguardanti il posto del cristianesimo erano fonte di tensione a Bruxelles e a Strasburgo. Queste polemiche non impediscono affatto al nostro cardinale ungherese di affermare, ancora una volta, le sue convinzioni.

Ecco le sue dichiarazioni, pubblicate sull'Osservatore romano agli inizi di marzo: "Anche se lo Stato, in Europa, non è generalmente confessionale, la presenza di simboli religiosi nei luoghi pubblici non è una cosa che viola la separazione tra Stato e Chiesa, ma una manifestazione importante dell'identità culturale dei popoli europei". Quindi, nessuno "ha ragioni sufficienti per far scomparire" questi segni religiosi dallo spazio pubblico.

Tale affermazione tradisce, per lo meno, una colpevole ignoranza di certe tradizioni nazionali. La frase non pone gravi problemi in certi stati in cui delle Chiese cristiane sono legate allo Stato. Ma è difficilmente accettabile in altri, come la Francia. Se il cardinale ammette che "lo Stato, in Europa, non è generalmente confessionale", invoca però un sorprendente modello europeo di separazione tra Stato e Chiesa (al singolare, cosa che certo i tedeschi apprezzeranno!). E afferma che tale realtà non potrebbe essere turbata, da Lisbona a Copenaghen e da Dublino a Atene, da qualche crocifisso in un municipio.

In nome di che cosa? In nome dell'"identità culturale dei popoli europei". Apprendiamo quindi

che i nostri paesi posseggono una identità, quella del cristianesimo. Già un po' ieri (dati gli apporti ebraici e musulmani), e molto di più oggi, il suo carattere unico appare discutibile. Ma per Mons. Erdö questa identità deve essere accettata da tutti oggi negli spazi di vita comune. E pazienza se l'appartenenza cristiana diminuisce fortemente. Pazienza se le ondate di immigrazione portano credenti di altre tradizioni. Pazienza se la mescolanza di idee che caratterizza la nostra epoca sopporta sempre meno le egemonie. Il nostro generoso cardinale accetterebbe le stelle di David e le mani di Fatima accanto ai crocifissi?

Ci permettiamo anche di consigliare a Mons. Erdö di generalizzare meno le sue affermazioni su ciò che "viola" o meno le leggi dei 27. Quando il presidente del CCEE invita a difendere le radici cristiane "nei media e attraverso i linguaggi della cultura, della musica, della danza, dello spettacolo" e a "mostrare alla gente che noi siamo cattolici", adempie pienamente alla sua missione. I nostri paesi d'Europa offrono mille possibilità di mettere in atto questo bel programma.

Ma la sua affermazione sui segni religiosi nei luoghi pubblici, applicabile ed applicata in alcuni paesi, non è e non sarà nell'immediato una norma del nostro continente. Non rendersene conto comporterebbe tre rischi. Potrebbe radicalizzare le divergenze tra Stati, cosa di cui la costruzione europea non ha bisogno. Un tale atteggiamento sarebbe poi suscettibile di ravvivare le guerre laiche, da cui nessuno esce mai arricchito. E infine non aiuterebbe a ridare quell'immagine di generosità e di apertura che la Chiesa cattolica, malgrado gli innumerevoli servizi che essa rende agli abitanti del Vecchio (traduzione: [www.finesettimana.org](http://www.finesettimana.org))

Fonte: [www.temoignagechretien.fr](http://www.temoignagechretien.fr) - 12.03.11

## PORTUGUÊS

### Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural propõe formação inter-religiosa

O Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), apresentou a 10 de março um módulo de formação de Diálogo Inter-religioso.

Em declarações à Renascença, a responsável pela instituição, Rosário Farmhouse, explicou que esta é uma área prioritária para o ACIDI, apesar de Portugal já ser um bom exemplo de convivência entre religiões.

«A realidade do nosso país tem vindo a modificar-se e apesar de sermos um exemplo de sã convivência entre as religiões, temos que nos preparar para saber como lidar e dialogar com pessoas de credos diferentes, ateus ou agnósticos. Este módulo vem no fundo trazer essa oportunidade, de nos desafiar a irmos mais além, não perdendo essa nossa identidade e o que nos orienta, mas estando abertos

aos outros e percebendo que há muitas coisas que nos unem e isso só nos traz riqueza e a paz social que todos queremos», sublinhou.

Para Rosário Farmhouse, o diálogo inter-religioso é uma responsabilidade de todos, não só dos líderes das respetivas comunidades ou confissões: «Todos nós, cada um de nós pode ser o agente e pode fazer a diferença. Se conseguir ser aberto ao outro e tiver respeito, tolerância e curiosidade para conhecer o outro, sem dúvida poderá ser um agente de paz, porque o grande fundamento da maior parte das religiões tem a ver com a paz e podemos ser todos construtores de paz».

O módulo foi apresentado em dois momentos. Numa primeira fase, jovens representantes das comunidades islâmica, evangélica, baha'i, ortodoxa e católica assistiram à demonstração de uma sessão de formação. À tarde, Rosário Farmhouse e dois dos colaboradores envolvidos na elaboração do módulo explicaram os propósitos, métodos e objetivos do mesmo, perante uma plateia composta por representantes das diversas comunidades religiosas do país.

### *Estudo das religiões nas escolas*

## **Pluralismo religioso na prisão**

*A questão religiosa no meio carcerário suíço não parece causar problemas, mas os muçulmanos continuam estigmatizados.*

*Por Laureline Duvillard*

Um estudo realizado pelo Fundo Nacional Suíço de Pesquisa revelou o pluralismo religioso existente nas prisões do país. Encontro em uma prisão suíça com dois capelães. "Estamos todos na prisão." O livro descansa tranquilamente sobre a mesa, junto a folhas de pedidos de encontro, ou mesmo uma agenda programada de cinco orações diárias do Islã. Estamos todos na prisão. Talvez, mas certamente não da mesma maneira. Daniel Levasseur e Philippe Cosandey, respectivamente capelães católico e protestante da penitenciária de Orbe (EPO, na sigla em francês) no estado de Vaud (Oeste), cuidam de pessoas aprisionadas no sentido próprio do termo. Presos que cumprem penas que variam de semanas à perpetuidade. Mas isso não vem à questão. Ambos religiosos preferem nem saber quais crimes foram cometidos. "Confortamos as pessoas como elas são no presente, o crime cometido já é algo do passado. É o método que empregamos. Não devemos colocar o outro onde gostaríamos que estivesse", observa Daniel Levasseur.

### *Tensões praticamente inexistentes*

O presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa, Karim Vakil, elogiou o trabalho: «Este encontro foi excelente, foi das poucas coisas boas que tenho visto fazer, e com tanta eficácia como vi hoje. Não há dúvida que o ACIDI está a fazer uma atividade excelente».

Vakil sublinhou ainda a proposta do jornalista Joaquim Franco, que moderou a sessão, de que nas escolas haja uma disciplina de introdução às religiões. Algo que já se passa no estrangeiro, explica o representante muçulmano.

«Conheço a experiência inglesa e eles têm uma disciplina que é "Religious Studies". O manual, que traz a descrição das várias religiões, não é para converter ninguém, é para as pessoas ficarem sensibilizadas para o que é a outra religião. Não é a antiga moral e religião que tínhamos, não é catequese, isso pertence às igrejas ou mesquitas; mas nas escolas devemos sensibilizar as pessoas para outras religiões, para nos conhecermos», afirmou Karim Vakil.

Fonte:

[http://www.snpcultura.org/vol\\_acidi\\_propoe\\_formacao\\_inter\\_religiosa.html](http://www.snpcultura.org/vol_acidi_propoe_formacao_inter_religiosa.html) - 16.03.11

Para os capelães, os presos são, em primeiro lugar, seres humanos como os outros que valem a pena serem ouvidos. "Para trabalhar como capelão, deve-se aprender a ouvir os outros e se questionar o tempo todo. A pessoa deve ser aberta em sua teologia, sem defender uma linha precisa. Nós não estamos aqui para levar nossa igreja para dentro da prisão", observa Philippe Cosandey. Assim, os capelães cuidam de presos de todas as religiões e mesmo daqueles que não são crentes de uma. Dos 250 detentos da instituição penitenciária, 95% deles concordam em encontrá-los. "As pessoas vêm até nós porque elas podem falar livremente. É a única forma para elas de escapar de seu cotidiano", nota Daniel Levasseur.

Para nós, a espiritualidade é considerada no sentido amplo. Uma forma de aliviar as tensões religiosas na prisão? Em todo o caso, na penitenciária os conflitos devidos à religião são praticamente inexistentes. Como em outras prisões suíças. "Com base na literatura e pesquisas realizadas por nossos colegas, principalmente na França e na Inglaterra, foram identificados problemas de integração e crise em torno das religiões na prisão. No entanto, o

mesmo não ocorre na Suíça", diz Claude Bovay, coordenador do estudo do Fundo Nacional Suíço de Pesquisa (FNS). O especialista explica essa "serenidade" por uma consideração adequada da questão dos direitos religiosos. E o fato de que a sociedade suíça não compõe uma radicalização religiosa que poderia ser espelhada nas prisões.

### *Muçulmanos estigmatizados*

Mas, se na realidade as prisões não são campo de proselitismo, apresentando apenas alguns ligeiros atritos religiosos, alguns preconceitos ainda persistem. "Os muçulmanos são estigmatizados na Suíça. E encontramos na prisão o mesmo tipo de comportamento e estereótipos da sociedade. Pertencer à religião muçulmana é considerado estranho às normas da Suíça", nota Claude Bovay. Na prisão de Orbe, que tem cerca de 33% de muçulmanos, 33% de católicos e 11% de protestantes, os sacerdotes observam que essa discriminação contra o Islã vem principalmente do pessoal que trabalha na prisão. "É muito claro que alguns funcionários têm preconceitos contra os muçulmanos. Eles colocam todos no mesmo cesto", explica Philippe Cosandey.

### *Oferta e demanda*

Um elemento que ilustra o baixo enquadramento para os muçulmanos, cujo número é tão alto quanto os católicos, é a presença de dois imãs que se revezam na oração da sexta-feira. Ao contrário dos capelães, que estão presentes quatro dias por semana, eles não são reconhecidos oficialmente. "Atualmente, estamos discutindo sobre a oferta para

os muçulmanos. Por enquanto há um problema porque há uma falta de recursos para os imãs. Essas pessoas fazem um trabalho voluntário e só dispõem de 45 minutos de presença", comenta Philippe Cosandey. O capelão também acrescenta que é difícil obter uma proposta adequada para todos, porque, como os cristãos, os muçulmanos não compõem um bloco uniforme. "Há principalmente muçulmanos do norte da África ou dos Balcãs. As práticas religiosas desses grupos não são as mesmas."

### *Validar competências*

Enquanto esperam o problema ser resolvido, os sacerdotes tentam conciliar a diversidade religiosa. Um trabalho que exige grande empenho, mas que nem sempre é reconhecido, conforme observado no estudo suíço. Portanto, os pesquisadores disseram que para validar as habilidades dessas pessoas, seria necessário incentivar, em toda a Suíça, formações como as da Universidade de Berna. Na verdade, desde 2009 a Faculdade de Teologia da capital suíça oferece um mestrado específico para exercer a profissão de capelão. Uma bagagem útil em um contexto institucional por vezes difícil de ser administrado pelos religiosos. "O maior desafio da nossa profissão, é a interação com o sistema prisional. Porque nós trabalhamos com ferramentas compostas de palavra, confiança, solidariedade, temos de ouvir e agir em um sistema que fala de segurança, perigo, risco de reincidência", esclarece Daniel Levasseur.

Fonte:

[http://www.swissinfo.ch/por/sociedade/Pluralismo\\_religioso\\_na\\_prisao.html?cid=29730538](http://www.swissinfo.ch/por/sociedade/Pluralismo_religioso_na_prisao.html?cid=29730538) - 15.03.11

## **Merkel: Mesquitas passarão a fazer parte da vida dos alemães**

*Por Dave Graham*

A chanceler alemã, Ângela Merkel, disse a um jornal que os alemães já deviam ter percebido há muito tempo quanto a imigração vem mudando o país e que eles precisam se acostumar com a existência de mais mesquitas em suas cidades.

A Alemanha, com uma população de pelo menos 4 milhões de muçulmanos, se dividiu nas últimas semanas por causa de um debate sobre integração, provocado por observações depreciativas sobre os imigrantes muçulmanos feitas por um membro do banco central da Alemanha.

"Nosso país vai continuar a mudar e a integração também é uma tarefa para a sociedade que terá que aceitar os muçulmanos", disse Merkel ao jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung.

"Durante anos temos nos iludido sobre isso. As mesquitas, por exemplo, serão uma parte mais proeminente das nossas cidades, do que eram antes", completou.

A polêmica iniciada pelas declarações de Thilo Sarrazin, do Bundesbank, que disse que os imigrantes turcos e árabes não estavam conseguindo se integrar e estavam inundando a Alemanha com uma maior taxa de natalidade, é um dos diversos conflitos recentes sobre religião e integração.

A Suíça recebeu condenação internacional no ano passado, quando votou para que fosse proibida a construção de minaretes.

Disputas religiosas eclodiram nos EUA nas últimas semanas por causa da intenção de se construir um

centro cultural islâmico perto do local onde existiu o World Trade Center.

Enquanto isso, as relações entre Berlim e Paris ficaram tensas essa semana por causa de uma conversa tensa entre Ângela Merkel e o presidente

Nicolas Sarkozy, sobre a expulsão de imigrantes ciganos romenos, da França.

Fonte:

[http://www.swissinfo.ch/por/internacional/Merkel:\\_Mesquitas\\_passarao\\_a\\_fazer\\_parte\\_da\\_vida\\_dos\\_alemaes.html?cid=28361648](http://www.swissinfo.ch/por/internacional/Merkel:_Mesquitas_passarao_a_fazer_parte_da_vida_dos_alemaes.html?cid=28361648) - 18.09.11

## **Igrejas cristãs encontram dificuldades para integrar ex-muçulmanos**

*Por Timothy C. Morgan*

Há nove anos atrás, Mohammed Hegazy, então com 16 anos, desistiu dos estudos em uma escola Islâmica após decidir que não queria ser um pregador muçulmano. Transferiu-se para outra escola, sem saber que estava se juntando a uma classe que incluía sete estudantes cristãos. Aquela mudança, em 1999, e a conversão de Hegazy ao cristianismo, um processo que se desenrolou nos anos seguintes e deve-se ao testemunho daqueles seus colegas, deram início a uma série de eventos que terminaram na Suprema Corte Civil do Cairo, a capital egípcia. Em janeiro passado, o juiz Muhammad Husseini recusou-se a dar a Hegazy uma nova carteira de identidade que o registraria como cristão. “Seu coração pode acreditar no que quiser, mas no papel ele não pode converter-se”, sentenciou o magistrado. Hegazy não foi o único egípcio convertido a Cristo a levar sua questão de identidade para o Judiciário. Em outro caso, um juiz permitiu que cristãos convertidos ao Islamismo por divórcio ou emprego pudessem se reconverter ao Cristianismo. Mas as novas cédulas de identidade de doze pessoas nesta situação incluem palavras potencialmente estigmatizantes. O documento traz a seguinte frase: “Cristão, que previamente proclamou o Islamismo como sua religião”.

Em um terceiro caso, um responsável administrativo da Corte ordenou que o governo deveria omitir nas identidades qualquer designação religiosa dos seguidores de Baha’i, uma minoria religiosa marginalizada. No Egito, a carteira de identidade de uma pessoa é seu passaporte para a cidadania, sem a qual não é possível exercer os mais elementares direitos. O documento é necessário, por exemplo, para alugar um apartamento, conseguir um emprego, matricular-se na escola, votar, viajar para outros países e receber serviços do governo. Estes cartões registram não só informações básicas como nome, filiação e data de nascimento, mas também residência legal e confissão religiosa. As únicas opções religiosas são o Islamismo, evidentemente majoritário numa nação árabe, o Cristianismo e o Judaísmo.

Os três casos ganharam enorme atenção na mídia porque o Egito está criando uma nova base de dados para os cartões de identidade de seus cidadãos. Também foram publicados novos

procedimentos sobre punições para apostasia em uma nação que já tem um pobre histórico de direitos humanos e é considerada pela Missão Portas Abertas, entidade evangélica que defende a liberdade religiosa, como um dos 20 países onde o Cristianismo mais sofre restrições. Na Igreja At Kasr El Dohara, considerada uma das maiores e mais influentes congregações evangélicas do Oriente Médio, o pastor sênior Sameh Maurice vê como uma vitória espiritual toda esta recente cobertura da mídia. “São tempos melhores para a liberdade de expressão”, disse o religioso a Christianity Today. “O fato de Hegazy ter ido à Corte para fazer tal pedido é algo novo, que nunca aconteceu nos últimos 1.400 anos”, comemora. Sameh acredita que um terremoto religioso está balançando o Oriente Médio, levando muitos fiéis do Islamismo à conversão a Jesus. “Durante anos, centenas converteram-se da fé muçulmana ao Cristianismo. E isso, secretamente. Agora, convertidos escrevem suas histórias, estão em salas de bate-papo virtual. É uma voz que tem sido ouvida pela primeira vez.” Para o pastor, os números vão além das estimativas. “É um iceberg. Se você ouve falar sobre mil, então devem ser 100 mil abaixo da superfície”, especula.

### *Sonhos e visões*

Sameh mostra que as raízes deste ressurgimento evangelístico são o resultado de um avivamento eclesial ocorrido nos anos 1970. Ele conta que Menes Abdul Noor, então pastor da Kasr El Dohara, e o pregador ortodoxo Zakarias Botross estavam entre os poucos líderes cristãos no Egito dispostos a assumir o risco de batizar muçulmanos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. As tensões dentro da Igreja Ortodoxa chegaram ao ápice em 1978, quando o papa Shenouda III suspendeu Zakarias do ministério. Autoridades egípcias o prenderam duas vezes por falsificar identidades. Em 1989, o líder deixou o país e desde sua aposentadoria, em 2003, apresenta o influente programa Truth talk (“Conversa sobre a Verdade”) no canal cristão via satélite Al Hayat. Já Menes também enfrentou anos de oposição. “Fui ameaçado, pensei que eu iria morrer. Mas tudo bem”, lembra. Na época, ele ficou mais perturbado

com as ameaças que recebeu de que iriam queimar sua igreja, aberta no coração do Cairo por presbiterianos em 1950, sob permissão do então rei Farouk – que depois arrependeu-se de haver concedido autorização para o templo cristão funcionar. “Mesmo que destruíssem a construção, nós a reconstruiríamos e não deixaríamos de evangelizar o povo”, conta, ciente de que protagonizou uma história de fé.

Hoje, Kasr El Dohara não é mais o único bastião do Evangelho nas terras egípcias. “Acho que os ortodoxos estão batizando mais do que os evangélicos. Dez vezes, cem vezes mais do que nós”, reconhece o pastor Sameh. Em um culto dominical recente, ele compartilhou com sua congregação o conselho que ele dá “aos amigos que não são cristãos” quando estes lhe questionam. “Eu digo a eles que peçam a Deus que lhes mostre a verdade. Não conheço ninguém que tenha dito isso a Deus e não tenha conhecido a Cristo depois”, diz, convicto. Este tipo de abordagem ainda está fora da zona de conforto de muitos evangélicos egípcios.

“Eles me aconselham a não fazer isso todo o tempo”, continua Sameh. O pastor conta relatos de muitos muçulmanos que dizem terem sido visitados por Jesus. “O método mais efetivo para a conversão de muçulmanos são as visões e os sonhos. É o trabalho do Espírito Santo, e não o trabalho dos homens, da igreja ou da organização.” Esta abordagem também proporciona aos pastores da Kasr El Dohara sua primeira linha de defesa contra as acusações de proselitismo. Uma vez, autoridades questionaram Menes sobre o batismo de uma mulher que o procurou após ter uma visão de Jesus atravessando as portas de sua casa no Kuwait. “É um problema da polícia local”, respondeu a eles. “Eles não cuidaram da porta e da janela”, brinca. Sameh também identifica o exorcismo, particularmente por pregadores ortodoxos, como motivo de abertura significativa para a abordagem. “Muçulmanos sabem que se você quer se livrar de um demônio, deve ir à igreja. Muitos deles, após serem libertos, são batizados”.

#### *“Firme em Jesus”*

Na verdade, o maior desafio vem depois que um fiel deixa Alá para seguir a Jesus. Praticamente todas as igrejas no Egito e em outros lugares do mundo islâmico conhecem a dificuldade de se integrar ex-muçulmanos à vida de uma comunidade cristã – alguns líderes eclesiásticos até questionam se isso é verdadeiramente possível. No distrito de Al Maadi, ao sul do Cairo, Paul-Gordon Chandler serve na Igreja Anglicana St. John Baptist. Criado como filho de missionários no Senegal, na África, cresceu vendo seus pais trabalharem para trazer

muçulmanos a Cristo. Viu também estes convertidos serem expulsos de suas famílias – e, raramente, serem aceitos em sua totalidade pelas igrejas locais. Começou a questionar se, por acaso, seria possível para alguém seguir os ensinamentos da Bíblia e continuar muçulmano.

Há alguns anos, Chandler descobriu o trabalho do escritor Mazhar Mallouhi. Depois disso, publicou recentemente o livro *Pilgrims of Christ on the Muslim Road* (Peregrinos de Cristo na estrada muçulmana), que conta a história de vida de Mallouhi. Há muito tempo associado com evangélicos no Oriente Médio, Mallouhi se descreve como um seguidor de Jesus dentro do Islã. A missão a que se impôs é apresentar as Escrituras Sagradas de uma forma que os muçulmanos a compreendam. Um de seus livros, *The Fugitive* (O fugitivo), conta a história do filho pródigo em um contexto moderno dentro do Islamismo.

Chandler entende sua missão através de dois pontos: aprender da espiritualidade Islâmica e ajudar seus fiéis a compreender a verdadeira imagem de Cristo. “Estou menos interessado no diálogo entre as religiões, mas muito apaixonado pelas amizades entre as diferentes crenças”, sintetiza. Para o escritor, a verdade é o principal. “Amo a citação de Santo Ambrósio de Milão: ‘Não importa de onde vem toda a verdade, pois vem do Espírito de Deus. O desafio é construir a verdade no outro’”.

Até em Kasr El Dohara, onde a igreja tem uma aparência tradicional e recebe os novos convertidos, Menes geralmente os encoraja a manter sua nova fé em segredo. “Uma razão é o fato de que sua nova vida em Cristo tem efeitos sobre suas famílias”, ele diz. “Quando uma família descobre que um de seus membros tornou-se cristão, eles não têm muito do que falar contra o Cristianismo. Em segundo lugar, eles terão tempo de firmar-se na fé. Antes de criar qualquer problema, terão uma base firme”.

Para gente como Mohammed Hegazy e sua mulher, Zeinab – também convertida do Islamismo –, estes debates sobre conversão são temas acadêmicos. Sua situação chega a ser esdrúxula. A não ser que o casal receba seus cartões de identidade como cristãos, o governo irá considerar sua filha recém-nascida como uma muçulmana. Hegazy já recebeu inúmeras ameaças de morte – incluindo uma feita pelo próprio pai, um maometano devoto. Os dois vivem escondidos. “Manter-me fiel é a minha obrigação para comigo, para com minha família e todos os muçulmanos que se converteram ao Cristianismo; enfim, para todos os cristãos.” Hegazy irá apelar na Corte e, caso seja necessário, começar um novo processo. “Coloco minha fé em Deus”, resigna-se.

## Itália prende marroquinos por incitar ódio ao papa Bento 16

A polícia da Itália anunciou nesta sexta-feira a prisão de seis marroquinos no norte do país sob suspeita de incitar ódio de muçulmanos ao papa Bento 16. Os presos são da cidade de Brescia e cinco deles foram colocados em prisão domiciliar. O sexto está na cadeia. Segundo a imprensa italiana, a polícia encontrou um bilhete com um deles que pedia que os imigrantes muçulmanos não se integrassem à sociedade italiana.

No bilhete também estaria escrito que o papa deveria ser punido por converter um jornalista muçulmano ao catolicismo. O papa foi criticado por

converter o jornalista Madgi Allam, nascido no Egito e ex-colunista do jornal italiano Corriere della Sera. Allam, famoso por criticar a militância muçulmana e apoiar Israel, foi batizado por Bento 16 em março de 2008. De acordo com a polícia de Brescia, os suspeitos são acusados de "estabelecer um grupo que visava incitar a discriminação racial, a violência do ódio religioso e a jihad (guerra santa) contra cristãos e judeus". Segundo uma fonte, os detidos não são acusados de planejar ataques.

Fonte:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/02/110225\\_papa\\_marroquinos\\_prisao\\_fn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/02/110225_papa_marroquinos_prisao_fn.shtml) - 25.02.11

## Diálogo inter-religioso e ecumenismo, base para lidar com migrações

*Dom Marchetto intervém em Pordenonelegge*

*Roberta Sciamplicotti*

Para lidar cada vez melhor com a realidade das migrações, é necessário concentrar-se no diálogo e em seus três aspectos fundamentais: no interior da Igreja, entre os cristãos e com os fiéis de outras religiões.

Esta é a mensagem lançada pelo arcebispo Agostino Marchetto, ex-secretário do Conselho Pontifício para os Migrantes e Itinerantes, em sua palestra, na quarta-feira passada, em Pordenonelegge, na Festa do Livro, que foi celebrada na Itália até esse domingo 19 de setembro.

“O encontro de pessoas e grupos que historicamente têm vivido separadamente fez surgir inevitavelmente diversos problemas, diante da necessidade de formar uma nova existência juntos”, disse Dom Marchetto. Neste contexto, é indispensável o diálogo, que assume “diversas formas concretas”.

“Um congresso de especialistas pertencentes a diversas religiões – disse – é somente uma dessas formas, que se acrescenta ao considerado diálogo da vida, talvez a forma mais importante e frequente, porque é cotidiana, na qual pessoas de várias religiões buscam viver juntas como vizinhos, compartilhando alegrias e tristezas, problemas humanos e preocupações.”

“Depois vem diálogo de ação, que envolve cristãos e não-cristãos numa colaboração dirigida a promover o desenvolvimento integral da sociedade.”

“Por fim, há o diálogo das experiências religiosas partilhadas, nas quais pessoas bem enraizadas em suas tradições religiosas compartilham suas próprias riquezas espirituais.”

O primeiro diálogo deve ocorrer dentro da Igreja Católica, protegendo em particular o idioma dos imigrantes, dado que a experiência pastoral “ensina que quando os imigrantes se sentem compreendidos e cómodos, integram-se mais facilmente na comunidade e a enriquecem”.

Em segundo lugar está o diálogo com as demais Igrejas e comunidades eclesiais, que “oferecem uma ‘oportunidade de diálogo, especialmente neste ecumenismo da vida cotidiana’, que reforça em sua base, vínculos de unidade (até onde é possível) e caridade, promovendo uma maior compreensão recíproca”.

Em terceiro lugar está o diálogo com os pertencentes de outras religiões, “um diálogo que se baseia em nossa identidade, suscitando respeito recíproco e a descoberta dos valores religiosos e humanos dos outros”.

O prelado destacou que os problemas concretos que surgem entre os cristãos e os imigrantes de outras religiões requerem “uma mentalidade e atitude de diálogo por parte de todos”.

“Não é fácil. O encontro com pessoas profundamente enraizadas em convicções e costumes não compartilhados pelos cristãos pode ser difícil”, reconheceu. Por isso, é importante ter “muita paciência e perseverança”, “uma sólida formação dos agentes pastorais e informação sobre outras religiões, para derrubar preconceitos, superar o relativismo religioso e evitar suspeitas e medo injustificados, que geram tantas consequências negativas”.

Fonte: <http://www.zenit.org/article-26084?l=portuguese> - 20.09.10

## Populistas de direita atizam temor contra muçulmanos na Europa

*Dizendo-se defensores dos valores europeus, supostamente ameaçados pelo islamismo, populistas atizam o medo em relação aos imigrantes muçulmanos. O preconceito contra imigrantes de países islâmicos cresce na Europa.*

Na Alemanha, a tese de Thilo Sarrazin, antigo secretário de Finanças de Berlim, sobre a indisposição de muçulmanos com vista à integração levantou ondas de debates; enquanto isso, na Holanda, o populista Geert Wilders teve que se defender na Justiça, no dia 4 de outubro, da acusação de semear o ódio contra muçulmanos.

E na Dinamarca, o Partido Popular Dinamarquês exige um limite para a imigração de muçulmanos. Na Europa, existem mais exemplos como estes que refletem uma rejeição aos muçulmanos, vistos como uma ameaça aos valores europeus. Cresce o medo da população diante de imigrantes vindos de países islâmicos.

### *Discurso presidencial*

Em 3 de outubro se celebra, desde 1990, a reunificação alemã. Atualmente, o evento não se limita apenas à unidade entre Leste e Oeste, mas também àquela de todos que vivem na Alemanha, independente da origem e região.

Isso foi lembrado pelo presidente alemão, Christian Wulff, em seu discurso, proferido na solenidade de celebração da data. “Sem dúvida alguma, o cristianismo pertence à Alemanha, o judaísmo pertence à Alemanha; é a nossa história judaico-cristã. Entretanto, prezados senhores e senhoras, o islã também pertence à Alemanha”, disse Wulff.

### *Muitos alemães consideram muçulmanos um ônus*

A realidade, porém, parece ser bastante diferente do discurso festivo. Tanto na Alemanha como em outros países europeus, a onda de populismo de direita antimuçulmano está aumentando, seus representantes têm cada vez mais influência nos governos e começam a formar suas redes de contato, como se vê no caso de Suécia e Holanda.

Um exemplo é que somente poucas horas depois do discurso do presidente alemão, o populista holandês Geert Wilders chegava a Berlim para advertir seus correligionários: “A identidade nacional da Alemanha, sua democracia e sua prosperidade econômica estão ameaçadas pela ideologia política do islã”, advertiu.

Não somente a plateia do auditório em que discursava aplaudiu Wilders: segundo uma sondagem recente, cerca de 55% dos alemães acham que a imigração muçulmana na Alemanha “representa um custo social e financeiro maior que o benefício econômico que traz”. A aceitação desta

tese é maior nos estados da antiga Alemanha Oriental, onde cerca de 70% dos entrevistados aprovam essa ideia.

### *Racismo implícito*

Segundo Werner Schiffauer, etnólogo da Universidade Europeia Viadrina, em Frankfurt no Oder, está ganhando cada vez mais aceitação na sociedade a ideia neoliberal de que cada um é “responsável pelo seu destino” e que, com isto, cada um é responsável por seus próprios problemas.

Essa maneira de pensar contribui, segundo ele, para um “racismo implícito, na medida em que se formam grupos que são comparados e valorizados de acordo com o seu rendimento”, afirma.

### *Falta de vontade política*

Esta forma de ver as coisas é encontrada, conforme Schiffauer, não só entre os políticos liberais, mas também entre os social-democratas e os democrata-cristãos. Ele menciona, como exemplo, a associação entre o maior nível de desemprego verificado entre os muçulmanos com uma suposta falta de vontade de trabalhar dessa parcela da população, apesar de se estar comprovado, há muito tempo, lembra o etnólogo, que pessoas com um nome turco ou árabe enfrentam maior dificuldade de conseguir um emprego.

Aiman Mazyek, presidente do Conselho Central dos Muçulmanos na Alemanha, acusa a classe política alemã de não querer assumir os fatos. “Não estamos diante de um problema de desconhecimento e sim ante à falta de vontade política de se colocar em prática o que já se sabe”, ressalta. Uma das ideias que, segundo Mazyek, deveriam ter sido implementadas, há muito tempo, se refere a aulas de religião islâmica em escolas alemãs. “O conhecimento de que necessitamos aulas de islã nas escolas alemãs já existe há décadas”, diz.

Este processo se iniciou no 11 de setembro de 2001, afirma Schiffauer, e foi sendo acentuado com a profunda crise de identidade por que passou a União Europeia nos últimos anos. Uma ampliação rápida demais, em que o bloco duplicou de tamanho em curto espaço de tempo, e as lutas pela aprovação de um novo tratado constitucional contribuíram para que a população não soubesse direito quais são os valores europeus, opina o acadêmico.

Ele avalia que, dessa forma, passa a ser mais fácil “definir uma fronteira em relação ao outro e criar a imagem do inimigo clássico. E o muçulmano passa a incorporar, então, tudo o que vai contra os nossos valores, ele é homofóbico, misógino, antissemita, não é a favor da democracia e não trabalha”, exemplifica Schiffauer e ressalta que nesta imagem está baseado “o anti-islamismo que se expande pela Europa como um vírus”.

Este quadro não se baseia necessariamente na realidade, explica o catedrático. A prova disso,

conforme explica Schiffauer, se encontra exatamente no Leste da Alemanha, onde quase não há muçulmanos, e a rejeição é, apesar disso, ainda maior. Assim, segundo ele, “o mesmo fenômeno se viu na ocasião da proibição dos minaretes na Suíça. As cidades onde vivem os muçulmanos foram as que protestaram contra a proibição, enquanto as que eram a favor dela não foram atingidas em nada em sua vida cotidiana”.

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,6089664,00.html> - 07.10.10

## ENGLISH

### **Vatican welcomes European court decision on classroom crucifixes and School crucifixes ‘do not breach human rights’**

Crucifixes displayed publicly in Italy, including in classrooms, are a sign of Christianity’s key contribution to European culture and civilization, said Cardinal Gianfranco Ravasi, president of the Pontifical Council for Culture.

Christianity is a “founding element” of Western civilization and “even if someone does not want to recognize it, it is an objective fact that the Christian presence is absolutely relevant, decisive,” the cardinal told reporters March 18.

Cardinal Ravasi spoke just a few hours before the Grand Chamber of the European Court of Human Rights ruled in favor of Italy in a case where a mother claimed crucifixes in Italian public-school classrooms violated her children’s freedom of conscience.

A lower chamber of the European court had ruled in 2009 that the classroom crucifixes violated the religious freedom clauses of the European Convention of Human Rights.

Jesuit Father Federico Lombardi, Vatican spokesman, said the Vatican welcomed the Grand Chamber ruling, which recognizes that “human rights must not be placed in opposition to the religious foundations of European civilization.”

The decision is an affirmation of the respect owed to each country of the European Union for “the religious symbols of its cultural history and national identity” and for national decisions on how the symbols can and should be displayed, Father Lombardi said.

A lack of respect, he said, would lead to a situation in which, “in the name of religious liberty, paradoxically one would limit or even deny this freedom, ending up excluding every expression of it from the public sphere.”

Speaking to reporters at a news conference about a Vatican project to promote dialogue with atheists and other nonbelievers, Cardinal Ravasi had said that while a crucifix is a religious symbol to believers, it also is “a sign of civilization” in the West.

In every culture, he said, people find symbols that express their identity and, in losing those symbols, “we run the great risk of losing our identity.”

“Having white walls leads to a void, to cultural fragility. You may need to explain what a religious symbol means, but it isn’t right to have to take down your symbols simply to avoid offending someone,” the cardinal said.

Similarly, he said, “when you go to a Muslim city, you aren’t concerned when you see golden crescent moons” lit at night and dotting the skyline.

During his news conference, the cardinal presented the program for his office’s “Courtyard of the Gentiles” project, which aims to promote discussions between Christians and atheists or nonbelievers.

The first sessions will be held in Paris March 24-25, bringing Christian clergy, artists and activists together with nonbelievers from the world of politics, economics, law, literature and the arts.

Dialogue — whether with other Christians, with other religions or with atheists — isn’t about finding the “lowest common denominator,” Cardinal Ravasi said. He said it is about getting to know one another, learning from one another, working together to promote the common good and seeing how the other’s values may need more attention in your own life.

Of course, he said, the dialogue can take place only if both sides are willing to talk and to listen; the “Courtyard of the Gentiles” project involves nonbelievers or atheists who find the question of



God interesting and who share the Catholic Church's concern to promote the good of individuals and society.

Cardinal Ravasi said that although someday the church will have to expand the conversation, for the time being he has not found a way to have a constructive dialogue with less sophisticated, "more aggressive" atheists, "those who are more provocative, who don't like nuances, but are almost fundamentalists" in their anti-religious beliefs and statements.

## Faiths must speak to each other

*By Laurinda Hafner and Mark Kram*

If there is a time for interfaith and intercultural understanding in our world, it is now. Today, there is an unacceptable level of xenophobia and intolerance — from "don't ask don't tell," to Islamophobia — the list is long and dismaying. We need another way to look at our neighbors and fellow citizens as human beings.

Perhaps one of the greatest times of interfaith cooperation and dialogue in the last century was during the civil rights movement.

Led by the Rev. Dr. Martin Luther King, this "movement" of faith led people to find their commonality in the struggle for human dignity and equality. It is to that same struggle that we turn once again.

The movement was characterized by the notion that faith groups participate together for the betterment of social and political institutions and to make systemic change. And perhaps, most importantly, we were reminded that the "other" is not an enemy or someone to be feared, but rather a complement to us and a partner in the journey to become more loving and human together.

What's needed today is a new "movement" that would combine the substance of the civil rights movement and other struggles for freedom in our time, to create afresh a new consciousness rooted in the God of all creation, including all the peoples of the earth, and whose love calls upon us to "love our neighbor as ourselves."

Every religious tradition has a radical fringe, and when we paint entire peoples with the broad brush that applies only to those few, we are all in jeopardy. The individuals of those fringes represent precisely the opposite of the ideal: the movement for human freedom and peace.

Dialogue, if it is serious, is not simply an exchange of information, he said. It is about presenting all of who one is and, therefore, it means witnessing.

"We don't dialogue to broadcast a theory, but to share a vision that has an impact on our lives," he said.

The cardinal said the "Courtyard of the Gentiles" project tentatively is scheduled to hold sessions in other cities around the world, including in Quebec in 2012 and in Chicago and Washington in 2013.

Fonte: <http://mumbailaity.wordpress.com/2011/03/19/vatican-welcomes-european-court-decision-on-classroom-crucifixes-and-school-crucifixes-do-not-breach-human-rights/> 19.03.11

Faith based purely on blind appropriation of prescribed dogma, faith withdrawn from social responsibility and faith that casts "the other" as a nonperson can only produce negative consequences. These cannot be the emblems of faith in an open, free society. Nor should the society in which these narrow and wrong-headed misinterpretations of faith reside elevate these views to the level of political discourse.

To consider recent examples, think about the opposition to the Islamic Cultural Center in New York, or the threats to burn the sacred texts of Islam, in terms of the movement toward human freedom and dignity. There isn't anything more anti-intellectual than burning a book, even a book with which you disagree.

Is there any freedom more precious than the right of an American citizen or resident to worship in the place and manner of their choice?

We must learn to speak with each other. Thus, we need to be in the presence of "the other," to know him or her for who they are as persons of faith, as persons with families and children to care for, and to share our fears and concerns in a welcoming and honest atmosphere.

To have a sacred conversation.

It is a conversation that faith communities of all kinds encourage. We invite you to become involved in dialogue. Seek out these opportunities, and you will be richly rewarded.

The purpose of interfaith dialogue is not to convert each other to another faith, or to segregate others into a category that justifies hate, but to find mutual respect, understanding, commonality, friendship and respect for the traditions, sacred texts and worship

of other faiths that are all only different paths to the same God.

The Rev. Dr. Laurinda Hafner and Rabbi Mark Kram are co-chairs of the Clergy Dialogue for the Miami Coalition of Christians and Jews (MCCJ). For

information about the MCCJ Interfaith Weekend & Facets of Faith Tours, go to [www.miamiccj.org](http://www.miamiccj.org).

Fonte: <http://www.miamiherald.com/2010/11/07/1912679/faiths-must-speak-to-each-other.html> - 07.11.11

## Europe's Muslim population expected to rise by a third by 2030

*According to population projections, Europe's Muslim community is expected to increase by a third by 2030. Globally, the Muslim population is expected to grow at about twice the rate of the non-Muslim one.*

*Catherine Bolsover*

Currently the estimated population of Muslims in Europe is around 44 million. According to population projections from the US-based Pew Research Center, by 2030 this figure will have increased by almost a third to just over 58 million.

In Europe as a whole, the Muslim share of the population will rise from six percent of inhabitants in 2010, to 8 percent in 2030.

Pew states that factors including higher fertility rates among Muslim women and improving health and economic conditions in Muslim majority countries are reasons why the population is growing.

### *Impact on Europe*

By 2030, Pew projected that France and Belgium would join eight other countries where Muslims make up more than 10 percent of the total population.

Tufyal Choudhury authored the 'At Home in Europe' project for the Open Society Foundation, which examined the attitudes of Muslims in seven EU countries. He told Deutsche Welle that European policymakers and practitioners would need to "adapt to diversity."

"In terms of delivery of education, employment, health services there will need to be an adaptation to greater diversity in society, not just Muslims per se," said Choudhury.

Europe will also need to improve the way it tackles discrimination, says the EU Agency for Fundamental Rights (FRA).

"One in three Muslims is being discriminated right now," spokesperson Blanca Tapia told Deutsche Welle. "The highest area of discrimination is in employment and this is a key part of the integration process, so that migrants can contribute to society."

### *Developing integration*

The forecast that the Muslim population is to grow is likely to fuel the already fiery European topic of integration. The subject of how minorities integrate with majorities in society has been long debated in Germany, France, the UK and several other EU countries.

The balance between allowing Muslims to practice their faith in freedom and expecting them to adapt to life in a traditionally Christian culture is not an easy one.

"Integration is working," said Choudhury. "Europe doesn't see that integration takes three generations, and it is roughly where it should be when it comes to generation number two."

Choudhury argued it is part of a normal pattern for there to be tensions with second generation immigrants, as they try to find a balance between the culture and history of their parents and their sense of belonging in the European country of their birth.

### *Special treatment?*

As Europe's population changes, attitudes will also start to change said Choudhury.

"It important to recognize that what many Muslims would see as equal treatment, such as the provision of Halal meat, may be seen by non-Muslims as special, or privileged treatment," he said.

This is the area where Europe is most unsure of itself, as seen with the issue over whether to ban or allow the Islamic face veil which dominated debate in France and Belgium.

European countries will have to decide whether equal treatment means the same for everyone, or recognizing difference and diversity.

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,14799979,00.html> - 28.01.11

## European Muslims can do better, says leading Islamic scholar

*One of Time Magazine's 100 most influential thinkers of the 21st century, Tariq Ramadan says Islam in Europe needs to be redefined. With Islamophobia passing the dinner-table test, his message is more urgent than ever.*

According to a recent study carried out at the University of Leipzig, more than a third of Germans believe Germany would be better off without Islam. Last week Europe's foremost Muslim thinker, Tariq Ramadan, spoke to a captive audience in Berlin about the tide of Islamophobia sweeping Europe and his own vision of a "shared pluralism." A professor of Islamic Studies at Oxford University, Ramadan is also president of the European Muslim Network. He is a polarizing figure, seen by some as the "Muslim Martin Luther" and by others as a master of doublespeak. He spoke to Deutsche Welle about western perceptions of Islam today and the need for Muslims to become full partners in democratic societies.

*Is it Germans' job to understand Islam better, or is it Muslims' job to explain Islam better?*

Islamophobia and rejection of Muslims is everywhere in Europe today, and Germany is no exception. It is a two-way process. We have to change our way of talking about Islam, our way of creating and building the 'Other.' To this end, it's important to work on education and a better understanding of what Germany and Europe is today and to accept that Islam is a European religion, because we have millions of citizens who are French, British, German and Muslim. But Muslims as citizens have to be more vocal and assertive by explaining their religion and the way they deal with it in their daily lives, so that it is not only perceived as a problem but as a gift and a positive presence.

They also need to avoid the victim mentality that might be nurtured by this atmosphere and to avoid identifying as a minority, saying: we don't want to be targeted, so we will isolate ourselves. No, they should do the opposite, even though to withdraw from being visible would be a natural psychological reaction.

*In your book "What I Believe," you say that the debate about integration borders on the obsessive and that what we need now is a 'post-integration' approach based on contribution.*

We need to stop referring to integration. By 'post-integration,' I mean that we need to come to an understanding that the success of integration is to stop talking about it. If we keep on repeating year after year, generation after generation, that 'they' need to integrate, we imply that there is a host country, and they are its immigrants. It's over!

Muslims are not immigrants in Germany. They are German, they are European.

Then, what we need to do is ask: as a member of this society, what is my contribution going to be? If you are always perceived as 'to be integrated,' the question is: where do you come from? We have to stop asking: where do you come from and ask: where are we going - together?

We have to be visible and vocal not only in the religious field but everywhere. Our contribution can be philosophical, artistic, and as I advocate in my book, creative! To be a Muslim isn't just to say: Islam is not violent, it is not discriminatory - no, it's more than that. It is architecture, books, imagination, ethics. And the more you give to society, the less you will be perceived as a negative factor.

What [controversial German author] Thilo Sarrazin basically said was: look at these Muslims, they are a problem and they are lowering our level of intelligence. He is wrong, of course, and this was a racist stand. But the only way to answer it is to point to contribution. The only right answer is practical: we have to be witnesses of the potentialities we have in our societies to express ourselves in a positive way.

*But when you have public and institutional hostility to Muslims, it restricts the scope of their participation in social, economic, political and cultural life. How can we break this deadlock?*

When I come to Germany and other European countries I can see that, yes, there is a trend to Islamophobia, racism and a rejection of Muslims, but lots of people are not happy about it and know there's something wrong.

So you are right, a fracture within society is possible. But what I see behind the scenes at the local level are a lot of Europeans willing to listen. This should be the driving force of change: not Muslims on their own, but Germans from different backgrounds sharing the same principle: we are not going to allow racism to return to this country in a way that is very, very damaging for all citizens.

*According to the surveys, what Germans are most bothered by is the way they see women treated in Islam: You believe that a woman can find liberation in Islam, that Islam was originally a feminist religion. Germans see it as patriarchal and oppressive in its practice. How do you explain this gulf?*

Because both are right. When you study the scriptural sources then you understand that there is a message of equality and liberation. But when you look at what Muslims are doing, Germans are not

completely wrong to see a problem. In Muslim communities, I can see myself that there is a lot of discrimination; women are not involved in education, the mosque, not always respected as human beings and within marriages. There is a problem. I constantly repeat: Islam has no problem with women, but Muslims do. This is why I train Muslim women in the way they deal with the scriptural sources and they way they deal with the community.

The missing discourse in Islam is about women: not as mother, not as daughter, not as sister, but woman as woman. What does spiritual liberation of the being mean? What do we mean by femininity and liberation? As a woman, I don't want to be reduced

to my body but you have to accept that I have a heart, I have a soul.

Then there is the question of commitment within the community, in mosques, in the scholarship and the legal Islamic authority. Women need to be involved. We can't just repeat: we are equal before God and complementary in society. The relationship between the master and the slave is complementary, but the master is the master, and the slave is the slave.

But our fellow citizens also have a responsibility not to essentialize the Islamic discourse and say: all Muslims are like this or this. There are very practicing Muslim women liberating themselves from cultural oppression and literalist understandings.

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,14786939,00.html> - 26.01.11

## French Muslims break stereotype and show up integration skeptics

*Much has been made recently of anti-Islam movements across Europe, but in France, where Islam is now the second-largest religion, there are many stories of successful integration.*

*Eleanor Beardsley*

Muslims from former French colonies in North Africa immigrated to France throughout the second half of the last century, and now their children and grandchildren are growing up French.

While Muslims still face discrimination, many have successfully integrated and are a part of French society, which now has Western Europe's largest Muslim population.

Amira Beshallah is one such example of a successfully integrated second-generation French Muslim. After a day of classes at the Sorbonne University in Paris, she comes home to an apartment near the Seine River, where she lives with her parents.

The 19-year-old is earning an undergraduate degree in literature and communications and wants to become a television journalist. Amira's parents immigrated to France from the North African country of Tunisia, but she says she identifies more with France than with the country of her parents' birth.

"Since I've been little, I've felt completely French," she says. "In fact, I didn't realize that I was any different from the typical French person until I was 15 years old and a man insulted me on the street."

Amira says the man called her dirty and then threatened to hit her. Four years on she still gets upset talking about the incident.

Since that day, Amira says she has understood that she might face discrimination when looking for a job. But she says she tries to keep a positive attitude.

*Generation gap*

Sitting beside her mother on the couch, the teenager's long, dark hair and dangling earrings are a contrast to her mother's neatly tucked Muslim headscarf.

Amira's mother, 48-year-old Samira Beshallah, works as a licensed nanny and takes care of three preschool-aged children.

Samira says the parents don't mind that she wears a headscarf when she takes their children out for walks or to play in the park and that wearing a headscarf in France is not problematic.

"I feel very, very good here. I feel completely at home in France," Samira says. "I raised my children here. They have all done their studies. I work, my husband is retired and I feel great."

### *A new direction*

Amira, meanwhile, says she is not religious and would never wear a headscarf, although she does refrain from eating and drinking during the Islamic fasting month of Ramadan. She says her parents don't pressure her or their two sons to practice their faith, although she knows they expect her to marry a Muslim.

Amira says she has only one friend who wears a headscarf, but that most of her friends aren't even Muslim. She admits, however, that political talk over the last few years concerning Islamist extremism and the banning of burqas has made her feel uneasy.

"It's true that, these days, there's a spotlight on Muslims," she says. "I guess, since September 11, people are asking 'who are Muslims.' People want to

know who they are. I guess it worries me a little. But still, I don't feel targeted. We are against terrorism like everybody else."

Both Amira and Samira say the Beshallah family and thousands of other Muslims are completely

integrated into the French way of life - proof that Muslims can be productive members of western societies.

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,6114212,00.html> - 15.10.10

## **Survey shows Germans negative about Muslims and Jews**

*A survey recently conducted by the University of Muenster has found that Germans are considerably more negative in their views about Muslims and Jews than their European neighbors.*

*Gregg Benzow*

Germans view Muslims and their religion, as well as Jews, more negatively than their European neighbors, according to sociologist Detlef Pollack, who led a study on religious tolerance by the University of Muenster in north-western Germany.

"Compared to France, the Netherlands and Denmark, there is a more rigid and intolerant understanding of extrinsic religions in Germany," Pollack said.

Most Germans entirely disagree with a recent statement by President Christian Wulff that Islam "belongs to Germany," he added.

The study also revealed a more prevalent anti-Jewish undercurrent in Germany than in other western European countries.

A little more than 28 percent of West Germans and 29 percent of East Germans had negative attitudes about Jews, the survey found. This compared to about 10 percent in the Netherlands, 12 percent in Denmark, and nearly 21 percent in France.

The figures and comparisons were also similar for other religions, such as Hinduism and Buddhism.

The representative survey, which polled 1,000 people in each of the four countries mentioned, found that fewer than five percent of Germans thought Islam was a tolerant religion, compared to roughly 20 percent for the Danes, Dutch and French.

While 50 percent of Danes and two-thirds of the French and Dutch respondents approved of the building of mosques, fewer than 30 percent of Germans said they did.

In Denmark, France and the Netherlands, a clear majority of respondents viewed Muslims positively.

In Germany, however, only 34 percent of those surveyed in the west of the country and 26 percent in eastern Germany had a positive view of Muslims.

When asked what they associated with Islam, more than 80 percent said discrimination of women, 60 percent said fanaticism, and only eight percent of West Germans and five percent of East Germans said that Islam was peaceful.

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,6289940,00.html> - 02.12.10

## **Immigration reform: The view from the faith side**

*Faith in action*

*Katherine Marshall*

The irony is familiar but still troubling: America, a nation proudly built by and for immigrants, today has a badly broken immigration system. But the debate about how to fix it has been fractious and unproductive. We seem to be stalled. At Georgetown's Berkley Center, a group of scholars and activists last week explored how religious leaders and communities see the issue and what they are doing about it.

It was a generally upbeat afternoon. Heartening data from surveys suggest that most people, deep down, are ready for immigration reform. There's a mobilization for action despite the sad defeat of the

DREAM Act in December. And religious communities across the country are engaged in the day-to-day work of helping new arrivals find their way and integrate into American society.

The surveys, especially one by the Public Religion Research Institute, paint a picture of a reasonable American people who want to live their religious values in the way they approach immigration reform. Large majorities in all faith traditions acknowledge that the system badly needs fixing. They agree that core values should be a guide to reform: the Golden Rule ("providing immigrants the same opportunity that I would want if my family were immigrating to the U.S.") and valuing the dignity of each person.

More significant, the survey put to respondents a comprehensive package that has long been advocated for immigration reform: that illegal immigrants be required to register with the government, work, pay taxes, and learn English before they can apply for citizenship; 86 percent of those polled supported it, six in ten "strongly."

The view gets more cloudy when politics comes into the picture. By double-digit margins, Democrats are more likely than Republicans to rate cultural-religious values as important for immigration reform. It was heartening to hear Richard Land, proud conservative with the Southern Baptist Convention, issue a strong call for statesmen to do what needs to be done and what is right and just. He said that despite expectations that his conservative constituency would boo him when he called for reform, instead he received a standing ovation.

There are positive stories to tell about what religious leaders and communities are doing where it matters at a human level, in communities. Raleigh Bailey presented an inspiring narrative of North Carolina. Religious communities of many kinds, working individually and together, with the government and independently, have reached out and helped to build a genuine ethos of welcome and thus success in integration. In one school district there are now 150 first languages spoken by the students, a remarkable transformation in a state that had little diversity beyond white and black. It's a rich new resource.

Women play the critical roles in making this welcome happen. There was little disagreement on that point: women are the ones who usually address the practical dimensions of bringing people from different communities together, breaking down barriers, finding common ground and solving the inevitable day-to-day problems. Elzbieta Gozdzia,

Georgetown professor and Polish immigrant, delivered a humorous description of an immigrant's lot, dealing with both the material (food) and the transcendent ("two things I will never be able to do in English even after 30 years: pray, because of course the Virgin Mary does not understand English, and read poetry"). An immigrant woman in Utah described the pain she felt living in a community that believed she could never be welcomed in Heaven, yet found a way to be part of the community. Elzbieta stressed the critical importance of religion and religious communities right in an immigrant's early days. After some time the splendid American market, with its wide array of choices, opens different vistas.

Solutions seem to call for a combination of head and heart. Susan Martin, who heads Georgetown's Institute for the Study of International Migration, noted that when asked what proportion of American's population is made up of immigrants the response in one survey was 39 percent. The reality is 13 percent. Public education can help blunt the fears that underlie much rage and reaction that blocks immigration reform.

And so can the appeal to conscience, to the good angels of the American people. "Welcoming the stranger" is a teaching that many faith traditions, and especially Christianity, Judaism, and Islam hold in common: for example, the Old Testament (Hebrews 13.2) admonishes us: "Do not neglect to show hospitality to strangers, for by doing that some have entertained angels without knowing it." The calls of the pulpit can help in bridging the divides and moving to action.

Fonte:  
<http://onfaith.washingtonpost.com/onfaith/georgetown/2011/02/immigrati-on-view-from-the-faith-side.html> - 28.02.11

## ESPAÑOL

### "Donde no hay diálogo entre culturas, puede haber choque de civilizaciones"

*Elvira Saint-Gerons, filóloga, directora de la fundación tres culturas de españa*

*Los brotes de xenofobia y racismo tienen motivaciones sociales, económicas y políticas, pero se alimentan de brechas culturales con antiguas raíces. No es casual que la Europa mediterránea sea hoy un epicentro de esto.*

*Fabián Bosoer.*

Esta conversación trata sobre cruces, encuentros y conflictos entre judíos, cristianos y musulmanes, su influencia en las inmigraciones que poblaron los países latinoamericanos y los desafíos que enfrenta actualmente la Unión Europea, relacionados con la inmigración y la pregunta por la identidad de

sociedades que están sufriendo intensos cambios en su propia conformación demográfica. La entrevistada, directora de la Fundación Tres Culturas, con sede en Sevilla, cuenta algunas anécdotas sobre la dificultad de organizar encuentros interreligiosos en los que hay que cuidar hasta el más mínimo detalle; por ejemplo, respetar los diferentes hábitos,

costumbres y comidas de los participantes y lograr que ellos puedan compartir espacios de intercambio y reconocimiento mutuo.

En una época en que la confrontación y la exacerbación de los particularismos provocan continuos conflictos y situaciones de exclusión y marginación, dice Elvira Saint Gerons, "debemos promover la convivencia entre culturas y religiones mediante el conocimiento mutuo y el intercambio de ideas y experiencias que fomenten un acercamiento".

*Discusiones sobre la identidad nacional, leyes antiinmigratorias, maltrato y criminalización de los inmigrantes sin papeles, manifestaciones de intolerancia religiosa. ¿Hay en el trasfondo de todo esto una crisis o una ebullición del multiculturalismo en Europa?*

Creo que estamos enfrentando en Europa actualmente un doble desafío: estamos queriendo ser líderes de una serie de transformaciones desde un salto a la supranacionalidad que implica la Unión Europea, mientras nos aparecen en cada país o región o gran ciudad cuestiones que nos obligan a discutir o redefinir los fundamentos de nuestras formas de integración social. No somos todavía un actor unificado en el escenario internacional, estamos en vías de querer serlo, y mientras tanto, debemos volver a preguntarnos quiénes somos en cada uno de los estados nacionales o federales. Y aquí el tratamiento de la inmigración afecta la problemática de qué son hoy las identidades nacionales dentro de Europa.

*¿De qué modo?*

Bueno, en cada ciudad, y en la mayoría de los países europeos, la multiculturalidad es un hecho. No hay una sola cultura sino varias coexistiendo y uno puede encontrarse con tantas nacionalidades diferentes que en su contacto van generando al mismo tiempo una cultura de la diversidad que en cada sitio adquiere formas y fisonomías propias. Ocurre en París y sus suburbios, en Roma como en Bruselas o Berlín.

*Esta multiculturalidad que trae la inmigración y que es parte de la riqueza que tiene Europa, se vuelve un factor problemático y genera resistencias y rechazos. ¿Cuál es la razón principal del crecimiento de las actitudes xenófobas?*

Los brotes de xenofobia y racismo tienen sobre todo motivaciones sociales y económicas, pero se alimentan siempre de brechas culturales con antiguas raíces. No es casual que la Europa mediterránea contenga estas contradicciones. Allí está la cuna de la civilización occidental -grecolatina- y de las tres religiones monoteístas, y también la frontera geográfica, económica o cultural que esa Europa encerrada sobre sí misma debe atravesar. El Mediterráneo, el Mare Nostrum de los romanos,

separa y conecta, levanta muros y tiende puentes. Esas dos cosas a la vez. Debemos trabajar, por cierto, para que predomine lo segundo.

*Esto supone, imagino, una crítica a la manera en que se está tratando la cuestión de los inmigrantes en Italia y cómo se quiere tratar en otros países, con leyes de deportación.*

Exactamente. Nosotros en España, sin embargo, creo que no lo hemos hecho mal. Pensemos por ejemplo en Andalucía, donde estamos a sólo 14 kilómetros de distancia de Marruecos. Es muy cerca. Sin embargo, entre España y Marruecos existe la diferencia económica más grande del mundo, mayor que entre México y Estados Unidos. Esto significa mucho, porque, claro, hay una afluencia de inmigración de Marruecos, proveniente de todo el África subsahariana, gente dispuesta a cruzarse medio África, montarse en un barco de cualquier manera para cruzar esos 14 kilómetros y llegar donde se supone que va a hallar la panacea, que tampoco lo es. Esto echa sobre nuestras espaldas una responsabilidad muy grande. Muy grande en el sentido de que tenemos que saber de qué manera no debemos frenar ese flujo, pero sí ayudar a que esa gente no se sienta empujada a venir a Europa porque encuentra buenos motivos para quedarse en sus países.

*¿Cuál sería esa respuesta alternativa para estas migraciones de quienes buscan huir de la extrema pobreza?*

Concretamente, en Andalucía se está llevando a cabo un plan de cooperación al desarrollo muy importante con África, con la zona de Magreb, con el África subsahariana, para que mejore la calidad de vida, para intentar que las migraciones ocurran con muchísima menos frecuencia de lo que ocurren, porque lo peor de todo es que se pierden muchas vidas en el camino. Como decía antes, el Mediterráneo contiene los dos modelos: el de la frontera, de una forma o de otra geográfica o política, y el de la circulación y la mezcla. Hay que encontrar el punto de encuentro

*El aumento de la población musulmana en Europa, ¿alimenta el llamado "choque de civilizaciones" dentro del Viejo continente?*

La presencia de inmigrantes árabes o africanos que forman parte de las sociedades europeas no debe ser vista sólo como un tema económico de desigualdad o explotación. No es, por cierto, un problema solamente político, que se resuelva con leyes. Es también un tema cultural. Donde no hay diálogo entre culturas, cada pequeño conflicto puede desencadenar choques entre poblaciones que aparecen como pertenecientes a civilizaciones distintas, distantes e inconciliables.

*¿Cree que la respuesta debe venir de los niveles locales, regionales, nacionales o supranacionales?*

Es que yo creo que vivimos en un mundo muy diferente, global, en el que ya no vale lo que tenga en mi casilla, mi territorio y mi frontera. Por eso lo que yo haga aquí adentro debe contemplar las realidades circundantes como un factor para tener en cuenta. Es necesario relacionarse con los otros, porque incrementamos nuestra riqueza cultural a través de la movilidad en el intercambio de bienes. Muchas veces es necesaria la mano de obra de otro sitio, o es necesario exportar los propios recursos de conocimiento a otros sitios. Aquel mundo en el que vivíamos y que todos estudiábamos (el de los países con sus fronteras y sus capitales) sigue existiendo, pero existen otras dimensiones y organizaciones más grandes, gubernamentales y no gubernamentales; en fin, otro tipo de multilateralismo. Todas las relaciones bilaterales, hoy en día, se engloban en relaciones multilaterales más amplias.

*¿Vale el mismo principio para analizar el otro epicentro de choque o encuentro entre las tres religiones, el conflicto israelí-palestino?*

Creo que sí. El diálogo interreligioso entre judíos, musulmanes y cristianos ha avanzado mucho. Más en los grados de acuerdo que el diálogo entre los líderes políticos, que viene siempre más complicado y lleno de obstáculos. Son niveles distintos, pero pueden complementarse. Y creo también que este semestre, en el que España preside la UE, y en el que puede existir un impulso del gobierno de Obama, se puede retomar el camino de los Acuerdos de Ginebra y la Alianza de Civilizaciones para facilitar un acuerdo de paz en Oriente Medio. Estaremos acompañando esas iniciativas, con otras como la que

resalta, a través de seminarios y publicaciones, la rica y fructífera historia de los vínculos entre judíos y árabes en las inmigraciones de Iberoamérica.

*La reciente prohibición de construir mezquitas en Suiza, decidida a partir de un referéndum, desató un gran revuelo. ¿Se trata de una manifestación más de xenofobia?*

¿Realmente se trata de los minaretes como tales o como símbolo del Islam y el rechazo a éste? Sin duda es una cuestión difícil de analizar, pero sorprende cómo un país considerado tolerante y neutral como Suiza ha podido llevar a cabo una consulta de este tipo que roza la vulneración de los derechos fundamentales. El Convenio Europeo de Derechos humanos contempla en su artículo 9 la libertad de pensamiento, conciencia y de religión. Sin duda, en mi opinión, el resultado del referéndum celebrado en Suiza vulnera esta libertad, porque no se ha preguntado sobre una cuestión urbanística o arquitectónica, sino por una cuestión con un claro trasfondo religioso. Las mezquitas, al igual que las iglesias o que cualquier otro edificio civil, deben cumplir con las normas (urbanísticas, medioambientales, etc.) del país en el que se construyan, pero ¿se trató en este caso de una consulta dirigida a preguntar sobre un derecho fundamental como la libertad religiosa o de la discriminación de las minorías? Lo que está claro es que, en cualquier caso, un resultado así no facilita en absoluto la integración y la convivencia. Sin duda, iniciativas y resultados como éste perjudican el respeto, el diálogo fluido y el conocimiento de otras culturas que son la base de la convivencia.

Fonte: <http://edant.clarin.com/suplementos/zona/2010/01/17/z-02121601.htm> - 28.05.10

## **Israel deportará niños inmigrantes para “garantizar el carácter judío del estado”**

*El gobierno israelí mantiene su decisión de deportar a 400 niñas y niños, nacidos en Israel, hijos de inmigrantes.*

*"Por un lado, es un problema humanitario. Todos sentimos y comprendemos a los niños. Pero por otro lado, hay consideraciones sionistas. Debemos garantizar el carácter judío del estado de Israel", dijo Netanyahu a los miembros del gabinete.*

Desde principios de los años 90, cuando se prohibió a la mayoría de los palestinos trabajar en Israel, los sucesivos gobiernos fomentaron la inmigración de trabajadores de la construcción, la agricultura y el servicio doméstico. A algunos de ellos, procedentes de África y Asia sudoriental, se les venció la visa pero siguieron trabajando sin tener los documentos en regla y formaron una familia en este país.

Hay más de 200.000 trabajadores inmigrantes en Israel, más de la mitad indocumentados, según fuentes del Ministerio del Interior. En este país hay

1.200 niños y niñas nacidos aquí de padres extranjeros.

La suerte de esos menores generó acaloradas discusiones este último año. El gobierno pospuso una decisión hasta hace dos semanas, cuando anunció que podían quedarse 800 niños y niñas que hace más de cinco años que viven en Israel, hablan hebreo y van a la escuela.

Pero los otros 400, la mayoría menores de cinco años, sólo podían quedarse hasta fines de este mes, y luego marcharse con sus padres de forma



voluntaria. De lo contrario los expulsaría y repatriaría al país de origen de los mayores.

“Por un lado, es un problema humanitario. Todos sentimos y comprendemos a los niños. Pero por otro lado, hay consideraciones sionistas. Debemos garantizar el carácter judío del estado de Israel”, dijo Netanyahu a los miembros del gabinete. El primer ministro los considera “amenaza demográfica”. “No queremos crear un incentivo para la llegada de cientos de miles de trabajadores indocumentados”, señaló.

Varios actores inesperados critican a Netanyahu al vencerse el plazo, su propia esposa, Sarah, la de su antecesor, Aliza Olmert, y el presidente de Israel, Shimon Peres. “Como madre de dos niños y psicóloga del servicio público, le pido desde lo más profundo de mi corazón que use su autoridad para permitir que la mayoría de los 400 menores permanezcan en Israel”, escribió Sarah Netanyahu en una carta enviada al ministro del Interior, Eli Yishai, aliado fundamental en la coalición del primer ministro y promotor de la campaña de expulsión. “Mucho antes de la decisión del gobierno, hablé con mi esposo, el primer ministro, y le dije que el estado de Israel debía encontrar una solución. Quiero creer que de alguna forma sirvió para que 800 niños pudieran quedarse (...) Confío en que en el marco de la resolución del gobierno y de sus potestades como ministro pueda encontrar una solución creativa que no perjudique la política de inmigración ni los intereses nacionales de Israel en tanto que estado judío”, añadió.

Una coalición de organizaciones integradas por sobrevivientes del Holocausto mostró repugnancia por la decisión del gobierno. “El estado de Israel se funda sobre la conciencia y el corazón judíos. Nosotros que sobrevivimos al Holocausto estamos agobiados por un sentimiento de asfixia y de vergüenza”, reza la misiva enviada al primer ministro.

El legislador izquierdista Ilan Gilon dijo a la muchedumbre reunida el sábado para protestar contra la medida de expulsión que, de ponerse en

marcha la deportación, estaría dispuesto a esconderlos de las autoridades de inmigración y de su unidad especial Oz, que persigue a los trabajadores indocumentados.

“Esta decisión es una cicatriz moral que le queda a nuestra sociedad”, declaró Aliza Olmert en entrevista con la radio del ejército israelí. “Si el gobierno sigue adelante con esto, dará municiones para quienes en la comunidad internacional aguardan para tendernos una emboscada”, añadió.

La esposa del ex primer ministro se mofó del argumento de que la permanencia de los menores incentivaría la llegada de más inmigrantes y acelerará la transformación de Israel.

“Esos extranjeros llegaron a Israel, algunos de ellos de forma ilegal, tuvieron hijos ilegales”, señaló Yishai, miembro del partido ultraortodoxo Shas. En otra oportunidad acusó a los inmigrantes de usar a sus hijos como “escudos humanos” y de “traer enfermedades como tuberculosis, hepatitis y sida”.

“Sus argumentos no son más que demagogia barata y satanización primitiva”, respondió Aliza Olmert, al ser consultada por el carácter racista de los propósitos de Yishai.

“Es impensable que 400 niños y niñas nacidos en Israel, que se sienten israelíes y que viven como otros menores israelíes deban ser expulsados”, declaró enérgico el presidente israelí, Shimon Peres. El presidente urgió al gobierno a reconsiderar su decisión porque “la deportación perjudicará a Israel y a la fibra moral del país”.

Los propósitos racistas de Yishai no impresionan a María, de ocho años, quien nació en Tel Aviv. Su madre filipina vino a este país a cuidar a una pareja de ancianos israelíes. “Me quedo aquí, este es mi hogar”, dijo en perfecto hebreo, tomada de la mano de su madre, después de la manifestación de protesta.

Fonte: <http://periodismohumano.com/migracion/israel-deportara-ninos-inmigrantes-para-garantizar-el-caracter-judio-del-estado.html> - 06.09.10

## Causas y soluciones del conflicto entre musulmanes y cristianos en Nigeria

*Entrevista con el padre Godfrey Igwebuike Onah*

El conflicto entre musulmanes y cristianos en Nigeria, que en ocasiones estalla en algunos de sus estados, tiene causas que no son religiosas, sino más bien educativas y políticas, asegura el vicerrector de la Pontificia Universidad Urbaniana de Roma.

Por este motivo, el padre Godfrey Igwebuike Onah, sacerdote nigeriano que vive en la actualidad en Roma, considera en esta entrevista que si se quieren

resolver los enfrentamientos hay que afrontar sus raíces, y promover la amistad y el diálogo entre creyentes de diferentes religiones, como lo están haciendo algunos de los máximos representantes religiosos.

*Padre, Nigeria tiene una población de cerca de 150 millones y, en su mayoría, los musulmanes están en*

*el norte y los cristianos en el sur. En las últimas décadas ha habido varios enfrentamientos violentos entre musulmanes y cristianos. ¿Cuál es la situación sobre el terreno en el norte de Nigeria?*

Padre Onah: En primer lugar, tenemos que destacar que las estadísticas en Nigeria son algo muy complicado porque en Nigeria desde el inicio esto se politizó. Ya en tiempos coloniales, puesto que la asignación y distribución de recursos siempre estaba ligada al número, la gente intentó manipular los números para reflejar y exigir ventajas, por lo que es difícil hablar sobre la distribución de las poblaciones de los diversos grupos en Nigeria.

Se suele hablar de que la mayoría de los musulmanes están en el norte y los cristianos en el sur, pero tenemos que tener en cuenta también que muchos de los habitantes del sur son inmigrantes, comerciantes itinerantes y trabajadores del gobierno. Así que muchos de los cristianos del sur están en el norte y también un buen número de habitantes del norte son cristianos. Esto se olvida con frecuencia, sobre todo en la zona de Zaria y Kaduna; hay un buen número de nativos cristianos, no solo emigrantes. Dicho esto, tenemos que saber que hay musulmanes en el suroeste de Nigeria.

*El problema parece estar en el norte. ¿Por qué entonces, si también hay musulmanes en el sur?*

Padre Onah: Sí, la situación en el norte ha sido siempre volátil. Está ligado a la historia del país. Algunos historiadores afirman que, hacia el siglo XI, los reyes y emperadores del norte --teníamos reinos y emperadores en el norte de Nigeria-- tuvieron contactos a través del comercio y las peregrinaciones con eruditos islámicos. Algunos de ellos se volvieron musulmanes e incluso construyeron mezquitas en Egipto y en otros lugares como centros de estudio.

Este tipo de intercambio siguió y el Islam se extendió por el norte de Nigeria en fechas muy tempranas, pero en el siglo XIX sucedió algo particular: se extendió el islam a través de la yihad de Usman dan Fodio y, desde entonces, el islam se asoció con diversas formas de violencia, sobre todo cuando es políticamente ventajoso para quienes la llevan a cabo.

Los nigerianos normales, musulmanes, cristianos o creyentes en las religiones tradicionales, han aprendido a vivir juntos. Recientemente, los políticos han explotado el desencanto de la gente local para crear problemas.

*¿Puede señalar qué motiva esta violencia?*

Padre Onah: Creo que sería presuntuoso para cualquier persona ponerse a dar lecciones; sólo pueden enumerarse una serie de factores que contribuyen a la violencia. Por supuesto, el primer factor diría que es histórico; histórico, en cuanto que

se concibió la idea de mezclar más de 350 nacionalidades étnicas y formar con ellas un nuevo estado moderno llamado Nigeria, y no se intentó crear, de estas nacionalidades étnicas, un pueblo. ¿Qué significa ser nigeriano para un nigeriano típico de hoy? Este es el motivo histórico.

Y junto a éste está el hecho de que la educación no ha llegado de modo uniforme a la población. Una gran mayoría de jóvenes musulmanes del norte siguen sin recibir educación, si por educación entendemos el tipo de educación escolar occidental. Tienen la educación islámica que, por supuesto, muchos de ellos consideran como la única forma verdadera de educación. Si es así, muchos de los jóvenes no educados o poco educados dependerán de lo que sus líderes religiosos les digan. Los cambios económicos en Nigeria han dejado en la pobreza a algunos de ellos, pero no sólo en el norte, sino en todas partes de Nigeria. Hay mucha gente joven enfadada y desencantada, y los políticos y el gobierno, que se enriquecen todos los días, manipulan a diario a esta gente.

Hay también un enfrentamiento entre varias tendencias musulmanas en África. Me refiero, por ejemplo, a influencias de Libia, Arabia Saudita e Irán; cada uno de estos grupos quiere dominar porque todos piensan que Nigeria es un país estratégico no sólo por el petróleo, sino por la población para África. Querrían, en la medida de lo posible, financiar a grupos, movimientos que tuvieran aspiraciones islámicas, pero también sabemos que dentro del mundo musulmán no hay un grupo homogéneo, así que a menudo también hay luchas internas entre los musulmanes, antes incluso de desembocar contra los no musulmanes.

Así que están los políticos, los religiosos, los económicos y los sociales, son muchos factores. Pero pienso que alguien podría decir que, si no conocemos la causa, ni siquiera seremos capaces de empezar a sugerir soluciones. Creo que parte de la causa es la falta de un impulso adecuado a los programas dirigidos a los jóvenes.

*La ley de la sharia, o ley islámica, se ha introducido en 12 de los 36 estados de Nigeria. ¿Qué significa la sharia en sí? ¿Qué implica para los cristianos que viven en un contexto de mayoría musulmana donde se aplica?*

Padre Onah: Este es otro ejemplo de manipulación política de un fenómeno religioso. Ya en 1946, cuando se elaboró la constitución de Nigeria, el país se dividió entonces en tres regiones y esta división se mantuvo en las constituciones de 1954 y 1958. ¿Qué significa esto? En 1958, los gobiernos de las regiones ya tenían algo de autonomía regional y parte de esta autonomía incluía la autonomía legislativa. Los gobiernos regionales tenían el poder

de hacer leyes, y así se introdujo la sharia en los estados del norte.

No tengo documentos para verificar esto, pero estaba claro que esto se hizo pensando en los musulmanes. En algún momento después, especialmente durante la era militar, se hizo normal que algunos intentaran imponer la sharia para dar la apariencia de representar los intereses de los musulmanes, y es entonces cuando la sharia se convirtió en un problema para los cristianos. No olvidemos que, para el típico musulmán nigeriano, muchos de los problemas, o de los efectos negativos de la modernización, suelen asociarse a los cristianos, porque para ellos Europa es como decir cristiano.

*Ante los episodios de violencia entre musulmanes y cristianos, el arzobispo Kaigama de Jos pidió diálogo, diálogo de vida. ¿Es a esto a lo que usted se refiere cuando dice: tenemos que encontrar una base común?*

Padre Onah: El diálogo de vida ya está teniendo lugar en muchas partes de Nigeria; en muchas familias hay cristianos y musulmanes, y por supuesto el islam y el cristianismo no son las únicas religiones de Nigeria. Hay otras. Están las religiones tradicionales y, en ocasiones, las relaciones con la religión tradicional son más difíciles sobre todo en el sur, porque el entramado cultural está entretelado con la religión tradicional, y ser capaz de separar cultura de religión no es tan fácil, y a veces es causa de tensión. Pero hay que dar tiempo a la paciencia, al diálogo y a la escucha.

## EE.UU.: la “islamofobia” y el efecto retardado del 11-S

*La atribución de motivaciones religiosas o étnicas a los conflictos que enfrentan las sociedades occidentales alimenta el avance del fundamentalismo y el racismo.*

*Marcelo Cantelmi*

No es el 11-S. Es la islamofobia que toma aquel atentado como pretexto y vuelve multiplicada, como un ejército desmadrado que espanta a los aprendices de brujo que lo pusieron a andar. Hay una tendencia a observar recortadas las causas de estos efectos que son religiosas, pero también políticas y económicas. Son, en verdad, cuestiones de poder y no simple berretín de fanáticos aquí y allá que quieren quemar libros del Corán en un lado o asesinar escritores o historietistas en el otro. Es imposible ignorar la anchura de la estupidez humana a la hora de analizar estos comportamientos. Pero nada es casual.

Hoy es el noveno aniversario de los atentados en Nueva York y Washington que pusieron en marcha la

Lo positivo que se está dando en Nigeria entre religiones parece deberse en buena medida a los líderes: el sultán de Sokoto y el arzobispo de Abuja, presidente de la Asociación Cristiana de Nigeria, son muy buenos amigos y comprenden que no hay necesidad de este tipo de enfrentamiento, y así se avanza. En ocasiones parece que entre las personas normales sólo saben gritarse unos a otros y nadie escucha y, desgraciadamente, los cristianos se van, pero han emergido también elementos radicales en el cristianismo, especialmente entre el pentecostalismo agresivo.

*Con todas estas corrientes económicas, políticas, de corrupción, de intereses, ¿hay esperanza de que esto acabe?*

Padre Onah: Si no tuviera esperanza no sería cristiano y, además, si no tuviera esperanza no sería un nigeriano típico. Los nigerianos no se rinden fácilmente. Somos un pueblo muy resistente; si no fuera así no nos habríamos rebelado contra nuestro gobierno hace tiempo. Repito, necesitamos una clase política responsable.

La ausencia total de gobierno en ocasiones ha sido la responsable de esta violencia en la que los jóvenes se han tomado la justicia por su mano. No es fácil para una comunidad salir de una crisis surgida de un malentendido religioso, no es fácil pero tampoco es imposible. Así que creo que el camino es la educación, aunque esto signifique cosas diferentes para los diversos grupos religiosos.

Fonte: <http://www.zenit.org/article-37103?l=spanish> - 31.10.10

vidriosa guerra antiterrorista, un conflicto que como ningún otro en la historia, amontona derrotados en todos los frentes , EE.UU. entre ellos. Pero este aniversario no solo es el del mayor ataque que sufrió la potencia regente en su territorio en la historia, sino también el de la derrota del carisma de Barack Obama, quien casi en el aniversario de su legendaria victoria del 4 de noviembre de 2008, ha perdido toda la fuerza de ilusión de cambio y esperanza que había esparcido en el mundo, el árabe también.

Después de dos mandatos voluntaristas y aventureros de George W. Bush, que socavaron la economía de EE.UU. y dejaron al país atrapado en una secuencia de callejones y laberintos bélicos, la llegada de Obama equivalía a sacar la cabeza de

debajo del agua . Entre los musulmanes, un hombre de cuna internacional, que conoció esa religión en la familia y cuyo segundo nombre es Hussein, era la llave para una integración que cancelara guerras como el arduo conflicto de Oriente Medio y aliviara, por lo tanto, ese páramo de ausencia de futuro del que se alimenta el terrorismo. Efectivamente, el demócrata había revivido las ideas de una humanidad habitando una casa común y de una conciencia colectiva que tramitara los tremendos horrores de este presente . Era el concepto “de muchos, uno” (e pluribus unum ) que enarboló en El Cairo en junio de 2009; una conmovedora dialéctica del “nuevo comienzo” detrás de la idea de que dos hacen uno enriquecido con las diferencias. Nada de eso sucedió y no porque se tratara de puro idealismo, sino por desencuentros ideológicos. Es eso enterrado y que no ha florecido lo que desnuda este raquítrico aniversario de hoy.

La amenaza de quemar ejemplares del Corán por parte del pastor Terry Jones, que ha sido el punto de arranque de un escándalo y azoramiento mundial por semejante prueba de intolerancia, es el reflejo más taimado y evidente de la no resolución de contradicciones profundas en EE.UU. y todo Occidente . No se trata de la reacción por las heridas que aún no han cerrado por los atentados del 11-S.

Menos que eso, hay allí el emergente distorsionado de una impaciencia con el poder debido a que las cosas no funcionan como se espera que lo hagan. Tanto en Europa, donde la islamofobia crece vigorosamente, como en EE.UU., el fenómeno se da en simultáneo con el rechazo a los inmigrantes de cualquier origen y en medio de ajustes del cinturón entre los votantes de clase media que aún sueñan con corporizar el espejismo de un mundo de calidad económica individual.

Esa fantasía es la plataforma de fanatismos de ultraderecha como en Holanda por ejemplo, o en Alemania donde un hasta hace poco funcionario del Bundesbank, Thilo Sarrazin, explicó en un libro que hay un gen turco (la mayor inmigración en el espacio germano) que impediría a esa minoría un desarrollo intelectual similar al de los alemanes y que podría (!), además, derrumbar el cociente intelectual promedio de la potencia europea.

En EE.UU. estas deformaciones no comienzan con las locuras del pastor Jones. En la prisión de Guantánamo en Cuba, Abu Ghraib en Irak o Bagram en Afganistán, fue común la destrucción de ejemplares del Coran por soldados norteamericanos

que arrojaban sus pedazos al inodoro y los orinaban frente a los creyentes arrestados.

Lo que Jones amenazó hacer, y que remite a los nazis quemando libros en 1933 o de la dictadura argentina en los setenta , es la cosecha de la siembra de fanatismo hecha por la dirigencia conservadora para justificar las guerras en Irak o Afganistán (las mayores fuentes de petróleo suelen coincidir en países musulmanes) y, ciertamente, recortar las libertades individuales dentro del propio EE. UU. de modo de derrumbar la resistencia a planes económicos muy excluyentes que de otro modo no pasarían.

Parte de estas furias en EE.UU. se intensifican ahora rumbo a las legislativas de noviembre donde amplios grupos claman por un cambio con la idea de que el país sigue siendo la gran potencia de siempre , pero que si hay una desocupación acalabrante de casi dos dígitos y una economía sin su legendario poder de fuego, es debido a su dirigencia y no a realidades objetivas.

Puede ser peor. El último informe de la OCDE, siglas en inglés de la Organización para la Cooperación Económica y el Desarrollo, anticipa una desaceleración del crecimiento en los países del norte mundial en lo que queda de 2010 y el próximo año , incluyendo la potencia alemana y confirmando lo que ya sucede en EE.UU. Ese dato, de por sí complejo porque el malestar social acelera la radicalización de las sociedades, se combina con otro elemento imperdible. En EE.UU., la Eurozona y Japón, la recuperación desde la gran crisis de 2008 no se ha verificado. Pero la ganancia de las corporaciones ha crecido desde la mitad de 2009. Es decir, hay una gran acumulación en el tope de la pirámide pero el dinero no vuelve en inversión y empleos. El informe tiene una resonancia con el Beige Book que hace periódicamente la Reserva Federal de EE.UU. sobre el futuro inmediato de ese país y que anticipa esta vez muy malos pronósticos de empleo y consumo en los doce distritos que analiza. Y ello pese a un extraordinario crecimiento de los bancos que fueron el eje de aquel desastre financiero. Es en ese escenario de mayor pobreza, desempleo e inequidad que se desarrollarán las elecciones y en el que es previsible suponer, como en Europa, que se multiplicarán estos inquisidores y racistas, pirómanos de las ideas.

Fonte: [http://www.clarin.com/opinion/EEUU-islamofobia-efecto-retardado\\_0\\_333566739.html](http://www.clarin.com/opinion/EEUU-islamofobia-efecto-retardado_0_333566739.html) - 11.09.10

## La demonización de los musulmanes

*Plataforma per Catalunya y PP han iniciado, en las elecciones catalanas, una campaña muy agresiva contra los inmigrantes. Están consiguiendo incorporar a la agenda colectiva visiones xenófobas y discriminatorias*

Joan Subirats

La campaña electoral en Cataluña se desarrolla entre un gran nerviosismo político y una aparente indiferencia ciudadana. En medio, el tema de la inmigración recorre el escenario electoral. Las tensiones se van acumulando alrededor de tres ejes: "Los inmigrantes son los causantes de la delincuencia", "los inmigrantes amenazan nuestro bienestar y reducen nuestras posibilidades de tener trabajo", o "muchos inmigrantes son fundamentalistas religiosos potencialmente peligrosos". Lo cierto es que Cataluña ha pasado de una población de 6 millones de personas en el 2000 a superar los 7,5 millones en la actualidad. Son cifras récord. Y es meritorio que todo ello se haya producido, como en el resto de España, sin notables tropiezos, gracias, básicamente, a muchos municipios y a las entidades que trabajan en ese ámbito. De todos es sabido que la distribución de tan ingente volumen de recién llegados no ha sido proporcional en el territorio. Y, por tanto, hay poblaciones y barrios que acumulan porcentajes de población inmigrada muy significativos. Sabemos que sus lugares de acogida se concentran en los barrios que resultan más accesibles para las frágiles economías de los que apenas sí han reunido lo necesario para llegar e instalarse. Y es a esos barrios donde se dirigen ahora las esperanzas electorales de algunas formaciones políticas. Unas, con más descaro y desinhibición, como Plataforma per Catalunya, apuntan directamente al exceso de inmigrantes que "roban" oportunidades y prestaciones a los "nacionales", y proponen la necesaria expulsión de los inmigrantes de religión musulmana, apelando a las raíces cristianas de los españoles. Otras, como el Partido Popular, tratan de compensar sus debilidades entre el electorado conservador y nacionalista catalán, con una campaña muy agresiva en inmigración. Un día arremete contra los gitanos rumanos en Badalona, amparándose en el ruido generado por Sarkozy y la débil respuesta de la UE y del propio Zapatero; otro, acusa a los inmigrantes de abusar de la sanidad pública; y al siguiente exige que los inmigrantes dispongan de "certificados de buena conducta" donde conste la opinión de sus vecinos. Y todo ello muy bien aderezado con constantes e inequívocas alusiones a la conexión entre inmigración, incivismo y delincuencia.

Es preocupante la tibieza de algunos partidos con esas posiciones de extrema derecha

¿Hasta dónde llegará el PP y hasta qué punto contaminará al resto de fuerzas políticas catalanas? El panfleto que editó el líder popular en Badalona, García Albiol, preguntaba: "¿Tu barrio es seguro?", acompañando el texto con una foto de un balcón con el lema "No queremos rumanos". Esa iniciativa ha provocado que la Fiscalía de Cataluña especializada en temas de odio y discriminación haya citado al concejal para dilucidar si esa campaña puede ser constitutiva de delito. Para García Albiol, "lo que no han podido parar en la calle, lo intentan parar en el juzgado". Lo cierto es que García Albiol crea escuela, y el dirigente popular en Barcelona, Alberto Fernández Díaz, trata de imitar la estrategia haciéndose acompañar por los medios de comunicación en busca de campamentos de gitanos en Barcelona, o acusando a los inmigrantes de los problemas de sostenibilidad de la sanidad pública o de otros servicios públicos. En otro folleto preelectoral, el PP afirma que "nosotros decimos lo que muchos piensan y no se atreven a decir", y consideran que convendría priorizar a la inmigración "que comparte con nosotros cultura y valores". En esta misma línea, han acusado recientemente a CiU de haber favorecido a la inmigración que no supusiera un acicate a la españolización lingüística de Cataluña. Faltan semanas para las elecciones catalanas, y meses para las elecciones municipales, pero parece que la estrategia del PP en Cataluña es una especie de banco de pruebas para el resto de España. La cautela actual de los dirigentes españoles del PP puede trocarse en "garcialbiolización" si la cosa sale bien en Cataluña.

La líder popular en Cataluña, Alicia Sánchez Camacho, ha relacionado sus posiciones con lo que ocurre en Europa. Y no le falta razón. Sarkozy, Berlusconi y la reciente evolución de la opinión pública en Alemania, Suecia u Holanda, apuntan a un rebrote de la derecha xenófoba, acompañada por la derecha más convencional, que ha radicalizado sus posiciones políticas para taponar el ascenso de la extrema derecha. En Cataluña, buenos son los ataques a "los otros". La presencia de Plataforma per Catalunya en los Consistorios de algunos de los municipios con mayor número de inmigrantes puede catapultar a su líder, Josep Anglada, al Parlamento catalán, y genera nerviosismo su extensión en los próximos comicios locales. El problema es que contra esa tendencia a criminalizar a los inmigrantes, sobre todo y por ahora a los de religión musulmana, no caben medias tintas, y son precisamente las

medias tintas lo que caracteriza no solo al PP, sino también a CiU y a algunos dirigentes socialistas. Después de la escaramuza de Vic, en la que el alcalde democristiano de CiU propusiera denunciar a los inmigrantes sin papeles, la formación nacionalista catalana impulsa la creación de un mapa de los sin papeles con finalidades aún no aclaradas. Algunos alcaldes socialistas han abanderado la prohibición del burka en sus poblaciones, a pesar de que su número es meramente anecdótico, y ponen todo tipo de pegas a la instalación y al funcionamiento de mezquitas. Con todo ello, lo que se está consiguiendo es que se vayan considerando como normales y dignas de ser tenidas en cuenta por parte de la ciudadanía, opiniones que fácilmente se deslizan hacia la xenofobia y a la discriminación.

Es preocupante la tibieza o incluso condescendencia de algunos partidos políticos ante la gravedad de los escauceos del PP con esas posiciones. En momentos como los actuales, y ante la sensación de amenaza que muchos ciudadanos pueden tener en relación a la sostenibilidad de prestaciones sociales de todo tipo, se puede empezar con la heterofobia, acusando a "otros" de lo que nos viene sucediendo, y acabar con posiciones de racismo que no tengan de hecho base racial. Se niega a nuestros "otros" clásicos (los gitanos), se sigue con los nuevos "otros" (islamofobia) y al final se va ampliando la cosa hacia esos "tantos" que abusan de nuestros derechos y ponen en peligro el poco trabajo al que "nosotros" tenemos derecho y el poco o mucho bienestar del que "nosotros" ahora disponemos. Estamos ante el clásico tema del desplazamiento de las fronteras entre "nosotros" y "ellos". Es increíble que un dirigente político justifique su posición aludiendo a que expresa lo que los ciudadanos piensan pero no se atreven a manifestar. Construir posiciones de fuerza política desde las bajas pasiones ha conducido siempre a peligrosos excesos. Si la fuerza

de algunos partidos en Cataluña ha de basarse en la estigmatización de colectivos por razón de su origen, más vale que se lo hagan mirar. De hecho, están dignificando con su actitud ambigua posiciones mucho más radicales y abiertamente racistas. Y, al final, si entendemos que muchas de las acusaciones que se hacen a los inmigrantes derivan de su situación de exclusión social (que comparten con muchos "nacionales"), lo que acaba desencadenando un racismo primario es la situación de aquellos que acumulan rechazo al unir a su condición de pobres, el origen étnico y la religión que profesan, y esos son los musulmanes.

La Europa actual se ha edificado sobre innumerables conflictos de religión, y hemos inscrito en nuestros códigos la libertad religiosa como algo insoslayable. Pero tenemos miedo del radicalismo de aquellos que no han hecho aún los deberes de secularización de sus pautas de conducta pública y política. No avanzaremos en la aceptabilidad mutua con exacerbación de las diferencias, y menos si convertimos la religión en la divisoria cultural y en el límite de la incorporación a la plena ciudadanía. El islam es ya una religión europea, que debe encuadrarse en la lógica de la secularización del espacio público y de la vida política. No podemos caer en la trampa de confundir una opción religiosa, que no todas las personas de un mismo origen comparten o practican, con una forma de vida o como una expresión cultural. Necesitamos una clara desautorización de aquellos que pretendan criminalizar una práctica religiosa convirtiéndola en un cuerpo extraño desde el punto de vista cultural y social. Y en Cataluña, algo de eso nos estamos jugando.

Fonte:

[http://www.elpais.com/articulo/opinion/demonizacion/musulmanes/elpepiopi/20101108elpepiopi\\_12/Tes](http://www.elpais.com/articulo/opinion/demonizacion/musulmanes/elpepiopi/20101108elpepiopi_12/Tes) - 08.11.10

## Seis de cada diez alumnos inmigrantes evita hablar de su religión en clase

*Se relacionan con compañeros de su misma cultura*

En los institutos de la provincia se puede hablar de jamón en clase, -no hay riesgo de que un menor musulmán denuncie a su profesor como ocurrió hace meses en La Línea de la Concepción-. Sin embargo, los alumnos extranjeros prefieren evitar pronunciarse sobre sus creencias religiosas, lo dejan más para el ámbito privado, y, además, reconocen que suelen relacionarse con compañeros de su misma cultura. Lo cuenta E. B. en Las Provincias.

Tampoco aprecian tanto las técnicas que aplican los profesores para su integración. A fin de cuentas, son chavales en plena adolescencia.

Estas son algunas de las conclusiones recogidas en un estudio sobre la 'Multiculturalidad en las aulas valencianas de Secundaria: estudio del caso', realizado por Inés Lozano y Salvador Peiró i Gregori, de la Universidad de Alicante (UA).

El también profesor del departamento de Didáctica General y Didácticas de la UA es el coordinador de un libro sobre 'Convivencia y Ciudadanía en la Educación del siglo XXI' donde se recopilan las ponencias y aportaciones que realizaron especialistas en las jornadas celebradas en Jávea.

En el libro, que cuenta con la aportación del Ministerio de Ciencia e Innovación, además del Consell, Cefire de Benidorm y la UA, hay un capítulo donde Lozano y Peiró han querido investigar la multiculturalidad de las aulas y, a través de un instituto, pretendía mostrar cómo el efecto de la inmigración en la Comunitat y, más concretamente en Elche, donde se sitúa el centro de Secundaria, «no ha superado los problemas que atañen a la convivencia escolar».

La hipótesis principal de la que partían era que «el efecto de la inmigración en los institutos se encuentra en proceso de superar los problemas que atañen a la convivencia escolar». A saber: la integración de estos estudiantes con el resto de compañeros y el rendimiento académico y su proceso de aprendizaje.

Se estudió un centro donde acude un alumnado de clase media, hijos de obreros españoles y con un alto porcentaje de inmigrantes, según explican sus autores.

China, Ecuador, Colombia, Argentina y Marruecos son los principales países de procedencia. Los estudiantes de 4º y 5º de ESO fueron el objetivo de la encuesta, en un centro aconfesional y donde se educa en valores como la igualdad, la tolerancia, la

## Musulmanes en Europa: un auténtico dilema

*Ricardo Osvaldo Rufino*

La información es concreta, y afirma que, en la actualidad, la población musulmana representa el 10% de la población de los 27 países miembros de la Unión Europea, pero debido a los incesantes flujos migratorios y a la alta tasa de natalidad, se espera que, en 2050, la población musulmana residente en el Viejo Continente se multiplique por 4. Los países donde más crecerá la población islámica serán Gran Bretaña, España y Holanda. Por ello, y según un reciente estudio del diario británico Daily Telegraph, en 2050, una quinta parte de la población de la Unión Europea será musulmana.

Según informa Iglesia.net, el país europeo que, según el estudio, más sufrirá el incremento será el Reino Unido, ya que la alta tasa de natalidad de la población musulmana que cobija, hará que sea el país más poblado de la Unión Europea en 2060. Los otros países que más población musulmana tendrán son España y Holanda, que son las naciones europeas donde más problemas generan los habitantes musulmanes. Quizás esta afirmación se refleja con más intensidad en Holanda, donde se permitió la entrada a inmigrantes musulmanes sin contemplar la integración cultural y enseñarles la cultura del país, aduciendo que la modernidad

solidaridad... Unos valores que sus estudiantes saben y reconocen.

«¿Manifiestas tu creencia religiosa sin temor?» El 40% dice que lo hace. Sin embargo, un 60% «nunca o rara vez» lo muestra, «dejando este aspecto para su vida más íntima».

La mayoría de los encuestados solo se relacionan con los de su propia cultura y otro 60% no aprecia las técnicas que usan los docentes para la integración.

De hecho, para la mitad, los profesores «rara vez» introducen elementos de las culturas de los inmigrantes.

Por ello, los investigadores autores del informe consideran que «hay una necesidad formativa y de utilización de técnicas de grupo que quizás ayudarían a la integración de algunos alumnos».

Con un 50% de casos en el que el ritmo de aprendizaje es normal, hay que tener en cuenta que en otro 40% es lento. Eso sí también se ha comprobado que el alumno inmigrante es más maduro para su edad, que el autóctono, que ha sido más protegido desde su infancia.

Fonte:

<http://www.periodistadigital.com/religion/educacion/2011/02/21/religion-iglesia-alumnos-inmigrantes-religion-silencio-valencia.shtml> - 21.02.11

consistía precisamente en eso: en romper con su pasado y creer sólo en la tolerancia como único valor. Esto hizo, en opinión de algunos analistas, que la comunidad musulmana creciera inusitadamente y llegara a asesinar a autores holandeses como Theo Van Gogh, por supuestas injurias contra la religión mahometana. Por ello, los residentes holandeses han reaccionado contra este fundamentalismo en su propio suelo, lo que ha provocado que el electorado de los Países Bajos comience a depositar su confianza en partidos anti-musulmanes. Por último, el estudio se aventura a afirmar que los problemas sociales y de inseguridad ciudadana aumentarán, debido a la radicalización de la comunidad islámica.

Se vaticina que los problemas sociales y el clima de inseguridad afectarán, sobre todo, al Reino Unido, ya que la población mahometana del país de Shakespeare es sobre todo paquistaní, debido a que esta nación fue una de las colonias británicas en Asia. No es ningún secreto que las células terroristas que operan en Europa (por ejemplo, la que provocó el 7-J, en Londres) proceden de Paquistán. Por contraposición, en España, la inmigración musulmana procede mayoritariamente del vecino

Marruecos, de donde provenían los terroristas que ocasionaron el 11-M.

Analícemos y profundicemos la delicada cuestión: la visión extremista y radicalizada señala, asegura, jura y perjura que en el presente el continente europeo se va convirtiendo, paso a paso, en una provincia del Islam. Justifican esta teoría con la enunciación de dos factores que, según ellos, contribuyen a este avance:

1. La relajación de la práctica cristiana: a partir de la década del 50 y hasta la fecha, Europa es cada vez más una sociedad post-cristiana, con una cada vez más leve conexión con su tradición y sus valores históricos. Las cifras de cristianos creyentes y observantes se han derrumbado desde 1953 hasta hoy, hasta el punto que algunos observadores académicos lo denominan “El continente post-cristiano”. Los analistas ya estiman que las mezquitas de Gran Bretaña reciben más fieles cada semana de los que recibe la Iglesia Reformada de Inglaterra.

2. Un índice de natalidad anémico: Los europeos originarios están disminuyendo. Sostener una población implica que cada mujer debe tener como media 2,1 niños; en la Unión Europea actual, la tasa total se encuentra un tercio por debajo, en 1,5 niños por mujer, y continúa en baja; ésto afecta en peor medida al norte de España y al norte de Italia. Un estudio concluye que, de mantenerse las actuales tendencias de población e inmigración, la población de hoy de 375 millones podría caer hasta los 275 millones hacia el 2075 para los europeos originarios.

Afirman los enemigos de la religión coránica que mientras el Cristianismo vacila, el Islam es robusto y ambicioso. Mientras que los europeos se reproducen a edades avanzadas y por debajo de la media, los musulmanes lo hacen en grandes cantidades mientras son jóvenes. En torno a un 5% de la Unión Europea, ó casi 20 millones de personas, se identifican actualmente como musulmanes radicalizados, pues al decir de ellos, si no fuesen radicalizados no serían musulmanes...

Y en el sentido opuesto, la otra línea de pensamiento (a la que yo adscribo) asevera que la religión musulmana y su libro de oro, el Corán, es en verdad una creencia basada en preceptos pacíficos, tolerantes, que ha sido desvirtuada por razones claramente políticas o geo-políticas. Los entendidos

en doctrinas religiosas expresan que la palabra Islam es un término derivado de la palabra “salam”, que en lengua árabe significa paz. También significa obediencia y sumisión a Dios. Dicen también que el Islam no es solamente una religión de carácter doctrinario y ritual: es básicamente una actitud ante la vida, es decir, una forma de conducirse de acuerdo con determinadas normas donde todos los hombres deben tener en claro su misión de vicarios de Dios en la tierra, y hacer prevalecer su misericordia y su bondad para velar por un ambiente de paz y convivencia. En esta misma línea argumental, es de destacar lo que aseveró la secretaria de Estado norteamericana, Hillary Rodham Clinton ante el diario “Los Ángeles Time”: “El Islam es la religión que más rápido crece en América y pilar de estabilidad para mucha de nuestra gente”.

Mi pensamiento indica que no existe ningún intento de “invasión” por parte de la población islámica al continente europeo, no hay un intento de apropiación paulatina y sistemática. No creo en este caso en la validez de la repetida, antigua y conocida teoría conspiratoria de la historia, esa que siempre descubre alguna conducta aviesa detrás de todo acontecimiento.

Considero, en cambio, que la “invasión” se produce porque en Pakistán, Egipto, Marruecos, Arabia Saudita, Afganistán, Irak, y en la mayoría de los países árabes, predominan el subdesarrollo, la pobreza generalizada, la superpoblación y los males que acarrea, la carencia de infraestructura industrial, la desocupación y la falta absoluta de oportunidades con respecto al futuro. Estos son, en definitiva, los flagelos que empujan a millones de musulmanes a probar suerte en las naciones de la Unión Europea. Pero claro, resulta más sencillo buscar una explicación política o religiosa, que comprender las verdaderas motivaciones de infinidad de desamparados que desesperadamente buscan una vía de escape.

Que crece la cantidad de pobladores islámicos en Europa y esto ocasiona serias dificultades de adaptación y, además, distorsiona la cultura e identidad de las naciones del Viejo Continente, sí creo. Que esto forma parte de un plan estratégico para “adueñarse” de Europa en el futuro, no, no creo.

Fonte: <http://www.ellibrepensador.com/2010/11/06/musulmanes-en-europa-un-autentico-dilema/> - 06.11.10



## Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO ... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA !...
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos:
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE
76. ENTRE ASSIMILAÇÃO e INTEGRAÇÃO
77. MUDANÇAS CLIMÁTICAS e REFUGIADOS AMBIENTAIS
78. AS MIGRAÇÕES GERAM VIOLÊNCIA OU REAÇÕES VIOLENTAS?
79. TRABALHADORES MIGRANTES: indispensáveis, mas sem direitos
80. XENOFOBIA: a nova face da exclusão
81. MULHERES REFUGIADAS
82. RELIGIÃO: fator de integração dos migrantes?